

O LÔDO

PEÇA EM TREZ ACTOS DE
ALFREDO CORTEZ



1.º M. HAR

LISBOA
1923







O LÔDO

PEÇA EM TREZ ACTOS DE
ALFREDO CORTEZ



1.º MILHAR

LISBOA
1925



A CARLOS BARBOSA

Esta peça, recusada por todas as empresas, foi posta em scena pelo auctor, em recita unica, na noite de 2 de julho de 1923, no Teatro Politeama de Lisboa, com a seguinte interpretação:

Domingas Capelôa	— 45 anos	—	<i>Dona Adelina Abranches</i>
Julia	— 22	»	— <i>Dona Amelia Rey Colaço</i>
Maria da Luz	— 21	»	— <i>Dona Constança Navarro</i>
Marcolina	— 60	»	— <i>Dona Maria Mesquita</i>
Sarah	— 25	»	— <i>Dona Antonia Mendes</i>
Manoel Facão	— 40	»	— <i>Robles Monteiro</i>

LOCAL E ÉPOCA DA ACÇÃO
MOURARIA — Actualidade

PRIMEIRO ACTO

20. 1811

O LÔDO

ACTO I

Sala pobre e desleixada. Janela á direita. Duas portas á esquerda. A' direita-fundo porta que comunica com um atrio que dá saída para a rua. D'esse atrio, e cortando o fundo em diagonal, da D. para a E., por fóra de scena, sobe uma escada para o primeiro andar. Por baixo da escada um vão praticavel, aproveitado para arrumações. Uma meza no primeiro plano, perto da janela, e, sobre a meza, um candieiro de petroleo acêso, objectos de costura, etc. O restante mobiliario adequado.

Ao subir o pano Domingas Capelôa costura junto da meza do primeiro plano. Domingas é uma mulher de 45 anos, em cuja fisionomia dura as asperezas da vida gravaram traços fundos de maldade. Veste descuidadamente e pôe certo esforço em enfiar uma agulha, tarefa que principia a ser difficil para a sua vista cançada. Ouvem-se passos na escada do F. e logo surge no atrio Sarah, seguida por um homem que d'ella se despede, e saê batedo a porta da rua com força.

DOMINGAS

Ouvindo a porta—Ahi bruto! — Move-se irritada. Depois a Sarah que entrou em scena— Quantas vezes preciso de dizer que não quero esse barulho com a porta?

SARAH

Diga-lh'o a elles, é boa!

DOMINGAS

Impondo silencio — Schiu !...

SARAH

Alto — Como hão-de fechar por fóra sem batêr ?

DOMINGAS

Schiu !... — Em voz abafada — E tu, não podes fechar por dentro ?

SARAH

Sacudida — Pois sim, rale-se. — Entrega-lhe uma nota. Domingas vae a uma gavêta fazer o troco, guarda uma parte, entrega-lhe o resto e volta a sentar-se e a enfiar a agulha. Sarah, carrancuda, guarda o dinheiro. Depois reparando nos esforços inúteis de Domingas para enfiar a agulha, muda pouco a pouco de expressão, e por fim, com bom humor — O seu mau génio, afinal, é vista curta. Deixe vêr. Eu enfio. — Executando — Talvez assim lhe abaixe a temperatura. Prompto, senhora Domingas Capelôa. — Entrega-lhe a agulha enfiada — Que se diz ?

DOMINGAS

Resmungona — Corja !...

SARAH

Rindo — Não ha de quê. — Vae a um espelho compôr o chapeo, e de lá, a encharcar-se em pó d'arroz que traz na saca — A Julia não veio cá hoje ? — Domingas não responde — Não veio ?

DOMINGAS

Sêca. — Não, Nem cá põe os pés tão cêdo.

SARAH

Vindo até ella — Zangaram-se outra vez ?

DOMINGAS

Com um sorriso nervôso — Emprestei-lhe dinheiro. — Raivosa, mas sempre em voz abafada — Não sabes como vocês são todas? Muita lamuria, muita promessa. e logo que se apanham servidas, ala! que se faz tarde. . . Como se elle não custasse a ganhar. Passo aqui os dias e as noites, com a casa toda ás vossas ordens. . .

SARAH

Essa agora! . . .

DOMINGAS

. . . a aturar-te, e ás mais. . .

SARAH

Com mau modo — Eu já lhe pedi alguma coisa?!

DOMINGAS

E fazes bem em não pedir. Perdias o tempo. Não que elle não cahe do telhado, estás enganada, nem o roubo. . .

SARAH

Que tenho eu com o que a senhora empresta á sua filha?

DOMINGAS

Minha filha! . . . Minha filha! . . . Outra como tu e como as mais. Uma cambada! . . . — *Ouve-se bater á porta da rua. Transição. Com bom modo — Fazes favôr, vaes abrir?*

SARAH

Executa. Depois voltando á scena, com ar trocista — Nem de encomenda. . . A Julia.

JÚLIA

Surge no atrio D. F., acompanhada por um homem. E' uma autentica «forasteira»; nova, bonita, de chale

grosso e felpudo, grossas arrecadas d'oiro, botas altas, cinzentas claras, e, na cabeça oleosa, muitos ganchos com muitas pedras. O homem sobe a escada. Ella ao F., apontando para cima. — Ahi, na primeira porta á esquerda. Eu vou num rufo. — Desce até Sarah e indicando num gesto o homem que subiu. — Um rôla de cachuchos nos gaudinhos. . . Um achado, Sarah! — Vendo a mãe — Boa noite. — A mãe não responde. — Mau, mau! Está c'os azeitos. . .

SARAH

Parece que sim. Adeus.

JULIA

Onde vaes?

SARAH

Dar mais um bordo.

JULIA

Acautela-te. Anda a rusga ahi p'ra baixo. Já filaram a Russa e uma malta d'ellas. Eu consegui raspar-me assim por isto. . . — *Marca na ponta da unha. Depois alto* — Tambem o que me deitasse a mão, lambia. . .

DOMINGAS

Zangada — Schiu! . . .

JULIA

Voltando-se gingona. — Olá! . . . — A olhar para a porta E. B. — Pelo visto sempre cá temos o pespêgo. . . — Com ironia a Sarah, que ao movêr-se, arrastou uma cadeira — Não a acordes, coitada! . . .

SARAH

Rindo — Quem? . . .

JULIA

A janota da minha irmã. Em a gaja cá estando em casa, tudo isto é puxado ao maior respeito. Muito respeito e muito silencio, que a cavalheira ind'ê honrada, e o barulho. . . pode fazer-lhe mal. — *Riem* —

DOMINGAS

Levantando-se disposta a pôr termo á conversa; a Sarah — Porque esperas?

SARAH

Ainda a rir — Por nada.

DOMINGAS

Então rua. E escusas de voltar. A's trez horas da manhã não abro a porta a mais ninguem. — *Sarah pega na saca de mão e sae, pé ante pé, abaçando o riso e exagerando muito a obediencia e o cuidado em não fazer barulho. Domingas á filha* — E tu! Não tens lá em cima que fazer? Ou foi para isto que vieste?

JULIA

O gajo é dos de esperar. Não se arripie.

DOMINGAS

Mas não sou eu. E' aviar e ala. — *Julia acende um cigarro e põe-se a fumar com desfaçatez* — Não ouviste?

JULIA

De cigarro ao canto da bôca, cara franzida pelo fumo, faz um signal affirmativo. Depois tirando o cigarro com grande calma — Ouvi. Mas vocemecê por certo não quer banzê. . . Acordavamos a princeza e, se fosse a mim, não tinha duvida. Mas lá a prognostica, a songuinha, o ai-Jesus, tem de sornir o seu somno descansada. — *Domingas move-se n'uma raiva concentrada, mas domina-se* — Bem,

bem! Fixe. Vejo que nos entendemos e é bom, porque também não venho em maré de zaragatas. — *Sopra uma fumaça. Pequena pausa. Depois, a sacudir a cinza com o dedo mínimo* — Quanto lhe pedi eu n'outro dia?

DOMINGAS

Olhando-a surprehendida — Quarenta mil reis.

JULIA

Quarenta malhos... e já devia vinte e cinco d'outra vez e trinta d'outra... sem falar em coisas velhas. — *Pausa.* —

DOMINGAS

Com estranheza — Porquê? — *Pausa* — Oh! — *novamente a enervar-se. mas sempre com cuidado de não fazer barulho* — Passou-te talvez pela cabeça a ideia de apañhar mais?!...

JULIA

Não, senhora. Quero pagar. — *Transição* — Não trago a massa aqui na ponta da unha, descance. Mas pagar, pago. — *Pequena pausa. N'outro tom* — Lá o meu mordomo e eu estivemos a botar contas á vida. O negocio vae mal. Isto não rende... e não calha uma ocasião em que se tire o pé da lama.

DOMINGAS

Ironica — E' pagares com o que elle ganha.

JULIA

Numa raiva contida — Sei muito bem que não ganha. Quem passou toda a vida a bater sorna, toda, não ia agora botar-se a trabalhar.

DOMINGAS

Podia fazer-lhe mal.

JULIA

Olha-a enraivecida, e a mastigar as palavras — Mal ou bem . . . não sei . . . Sei que foi de costas direitas que o conheci, e que, enquanto elle fôr o meu gajo, não precisa de mudar de vida . . . E vamos lá p'ra deante, que, se me puxa p'lo badalo, vomito o resto.

DOMINGAS

O resto?! . . . Que resto?

JULIA

Ai, quer?! . . . — *A mãe encolhe-se, já receosa* — Quer? Então oiça, p'r'acabarmos d'uma vez com as piadas. Antes d'elle estar comigo não era vocemecê que o sustentava, sem lhe faltar em nada?

DOMINGAS

Energica — Calas-te?!

JULIA

. . . Não tinha até ralé de o trazer em mais luxança do que as outras?

DOMINGAS

Suplicante e com medo de que se ouça no quarto da E. — Julia! Cala-te . . .

JULIA

E lá porque elle a rifou e veiu p'ra mim, é sorna, é arrolado, é intruja, é moicante! . . . Não ha defeito que o homem não tenha, c'os diabos!

DOMINGAS

Oh! — *Senta-se consumidissima. Depois, sacudida* — Vae! . . . Vae! . . .

MARCOLINA

Creada vulgar de alcoice, já edosa, que desceu a es-

cada e parou ao fundo a ouvir a ultima parte do dialogo
— O homem está á espera.

JULIA

Eia! Caramba! Anda tudo azoínado com o gebo.—
Noutro tom, á mãe.— Vou, mas volto.— *Sóbe a escada apressadamente.*

DOMINGAS

Acordando do seu acabrunhamento — Marcolina! Nunca mais se abre a porta a esta creatura.

MARCOLINA

E quem lh'a abriu agora?

DOMINGAS

Não a consinto mais em minha casa, disse!

MARCOLINA

Mas já lh'o disse a *ella*?

DOMINGAS

Digo-o a ti. E' quanto basta. Cuido eu.

MARCOLINA

Pois cuida mal. Se está em sua casa, e se não a quer
vêr mais em sua casa, ponha-a na rua, e acabou. Olhe: é
uma boa ocasião agora, quando ella vier para baixo.

DOMINGAS

Consumida — Ahi principias tu com as tuas coisas . . .

MARCOLINA

Ahi principia a senhora com as suas. Sempre o mesmo.
Está na sua casa . . . está na sua casa . . . mas ella manda
aqui mais do que a senhora. Se eu amanhã a quizesse fazer

sahir, não sahia, armava-se um restolho, e quem ficava en-
rascado? . . . A tôla, que foi meter-se onde não era cha-
mada . . . Não, não . . . Não tenho nada que vêr com isso.

DOMINGAS

De modo que não sou eu quem manda?! Não obede-
ces?! . . .

MARCOLINA

Pois mande p'r'ahi. Ponha-a lá fora, e depois falaremos.
Agora enquanto as tesuras forem só nas costas d'ella . . .
— *Com ar de pessoa sabida* — Já tenho muitos anos de ser-
viço.

DOMINGAS

Que horrôr! . . . Que horrôr! Tudo apostado em consu-
mir-me! Faço impossiveis para despachar essa creatura.
Não ha maneira. E tu ainda te recusas a ajudar-me! . . .

MARCOLINA

N'uma exclamação de pasmo — Oh! Oh! Oh! . . . Que
tem a senhora feito? Zangam-se de manhã, manda-a chamar
á tarde . . . Expulsa-a de dia, resmungá toda a noite por
ella não voltar . . . Assim não ha maneira, realmente. Se fosse
d'uma vez só — rua — e prompto, não havia consumições.
Era o que eu fazia se fôsse comigo . . . Quer dizer: se fosse
comigo ella não tinha coragem de me aparecer mais, desde
que fugiu com o homem.

DOMINGAS

Foi a minha fraqueza . . .

MARCOLINA

Foi a sua vergonha, é o que foi. Uma filha que rouba o
amigo á mãe, que se gaba d'isso, e a senhora recebe-a, re-
cebe o amigo, cae com dinheiro . . . para ainda por cima lhe
atirarem á cara que o que a senhora tem é dôr . . .

DOMINGAS

Importo-me eu lá com o homem !

MARCOLINA

Ella disse-lh'o, agora mesmo ; ou não ? — *Mais perto e mais baixo* — E lá por fóra faz peor. — *Domingas olha-a inquieta* — Peor, sim. Ainda hontem, no café aqui da esquina.

DOMINGAS

Que foi ?!...

MARCOLINA

Ora... Falou-se do caso e foi a primeira a fazer chacota. No meio das gargalhadas de todos, a arremedar a sua voz, agarrada ao Manuel Facão... e a imitar lá umas coisas que o malandro lhe contou...

DOMINGAS

Que coisas ?!

MARCOLINA

Lá coisas suas com elle.

DOMINGAS

Ah ! Canalhas !... — *Falou alto. Receosa de que possa ter sido ouvida no quarto da E. B., transita lentamente da expressão raivosa aos cuidados pela filha que dorme. Vae ao quarto espreitar. Fecha de novo a porta com cautela, voltando á scena com uma fisionomia amargurada. Pequena pausa. Depois, encolhendo os hombros, mas cheia de nérvos* — Que me importa o que ella diz e o que ella faz !... — *Num desalento* — O que me preocupa é esta... — *Indica o quarto da E.* — A Maria da Luz.

MARCOLINA

Pois por esta mesmo é necessario corrê-la. A Julia

tem-lhe uma osga que não a pode tragar. Parece que lhe arranha o coração o bem dos outros, e, enquanto a não vir também na lama, não descança.

DOMINGAS

Abstracta — Canalthas ! ..

MARCOLINA

Mais perto — Côrra-lhe com a sorte, senhora, mas sem mêdo... Que raio! Ella não come ninguém. Ai! se fosse comigo!... Emfim, faça o que entender. — *Vae buscar um chale que está pendurado por baixo da escada, e voltando, a pô-lo pelos hombros*— Quer mais alguma coisa? São trez horas.

DOMINGAS

Bôa noite.

MARCOLINA

E se eu amanhã viesse pelas Chagas?...

DOMINGAS

Não... P'ra quê?

MARCOLINA

P'ra deslindar — *Apontando a E. B.* — este misterio com os padrinhos da menina. Pois não vê que ahi anda também dêdo da Julia?... Uma casa onde ella estava desde pequena, tratada, não como afilhada, mas como verdadeira filha, e vem embora de repente sem se saber porquê!...

DOMINGAS

Mais uma ralação. Que hei-de fazer-lhe?...

MARCOLINA

Pôr tudo a claro. Isto, quando ha borbulha, o melhor é espremê-la. Foi manobra, senhora... Manobras da invejosa.

Repare nas falas do padrinho esta manhã, quando me encontrou. Elle era dinheiro, era tudo o que fosse preciso para a afilhada não continuar mais tempo n'esta casa. Mas não foi capaz de dizer que voltasse para a d'elles.

DOMINGAS

Impaciente — Bem, mulher!... A' força é que não podemos ir lá pô-la. Olhe. E' esperar que ella siga o seu destino. Salva-la a ella ao menos, d'este inferno... — *N'um desespero* — que se a vejo bem e a morte me estoura... Já não peço mais a Deus!... — *Transição* — Bôa noite. — *Vae buscar uma garrafa d'agua-ardente e um calice* —

MARCOLINA

Depois d'uma hesitação — Bôa noite. — *Domingas põe-se a beber. Marcolina dirige-se á porta da rua, abre-a, e, deparando com Manuel Facão* — Oh! Também as portas teem ouvidos!

DOMINGAS

Que ia a encher segundo calice, pousando a garrafa — Quem é?

FACÃO

Que entra bamboleante — Sou eu. — *Passa vagaroso por Marcolina, e pára já em scena a olha-la de revez. E' um fadista bem pôsto, casaco debruado a astrakan, calças justas, chapéu claro, quasi branco, cabelo puxado á testa, anéis e corrente de ouro.*

DOMINGAS

Carrancuda — A que vens?

FACÃO

Pela Julia.

DOMINGAS

Está occupada.

FACÃO

Espero. — *Fica-se a fazer um cigarro. Marcolina sae, indo Domingas fechar-lhe a porta. Elle a lamber o cigarro* — Que estaria esta chocolateira a papujar que tanto mêdo tinha de que a ouvissem? — *pausa* — Não respondes? — *Pausa* — Era segredo, não ha duvida. — *Acabou de acender o cigarro. N'outro tom.* — Pois andam p'r'ahi os bufos a dar caça ás borbolêtas. A Sarah disse-me que a Julia estava cá. . . Vim busca-la. — *Nova pausa* — Estás de trombas? — *Ligeiro riso de escarneo* — Tens cá a borrêga, já sei. Não queres chiada. Pois tambem podemos palrar sem fazer grulha. — *Domingas, sentada, de queixo ferrado nos punhos, parece não o ouvir. Elle, aproximando-se vagarosamente e pondo-lhe a mão na testa para a forçar a erguer a cara.* — Que tens?

DOMINGAS

De repelão, afastando-lhe o braço com um sóco — Larga. — *Manuel Facão olha-a com a testa franzida. Depois faz um gesto de desdem, e vae sentar-se numa cadeira junto da meza do primeiro plano. Pausa. Domingas, sempre de mau modo* — A minha chave?

FACÃO

Que chave?

DOMINGAS

Enervada — A chave. . . A que tu trazias no bolso. . . A d'aqui da porta. Não sabes o que é?

FACÃO

Eu quiz lá saber mais d'isso! Está lá p'ra casa, nem sei. A Julia é que a arrecadou.

DOMINGAS

Pois quero que m'a tragam depressa.

FACÃO

Enche um calice, bebe d'um trago e, com a voz rascante da agua-ardente — Pede-lh'a.

DOMINGAS

Quando elle vae a encher segundo calice — Ouve lá tu! Isto não é o café ali da esquina, percebeste? — Vae guardar a garrafa — Se queres bebêr, lá ha muito, e quem quizer que t'o pague.

FACÃO

Num rompante — Eh! coisa! . . . — Deita-lhe a mão — Tu estás de papo feito p'ra pegar?! — Dobra-a até ao chão. Ella encolhe-se com medo. Facão no gesto de lhe bater — Se não m'abaixas a prôa, ferro-te dois panasios. . . — Domingas, humilde, supplica-lhe na sua atitude que não faça barulho. Elle largando-a num empurrão brusco, e falando alto — Pois então tento na boia. — Longa pausa — Entrei aqui pacifico . . . Mas nada de fazer pouco.

DOMINGAS

A soluçar — Eu é que faço pouco! . . .

FACÃO

Não sou paspaihão nenhum. . . E debes lembrar-te como ellas mordem. — Senta-se á meza. Transição — Vae lá buscar o briol. — Domingas demora um instante, mas limpa as lagrimas e vae buscar a agua ardente, que pousa sobre a meza. Facão ri entre dentes, e depois, enchendo um calice — Eu sei bem onde te doe. — Bebe d'um trago — Pois és tola. O Manuel Facão ind'é o mesmo, e muito capaz de ser ôvo de duas gemas, percebêste?

DOMINGAS

Olhando-o espantada — Não!

FACÃO

Ai! poe-t'agor'ármarm em tansa. — *Indo até ella e passando-lhe a mão pelo hombro* — Não se me dava de voltar ao passado, percebes? E a Julia não era empate, porque não vinha a toscar nada.

DOMINGAS

Tentando libertar-se-lhe dos braços — Não, obrigada.

FACÃO

Segurando-a — Vem cá, mulher. Hoje estás co'azebre, mas vaes mudar num viróte. Olha p'ra mim. — *Forçando-a* — Aqui, bem p'rós meus luzios. Não vês ainda aquela ralé que te fazia grunhir? . . .

DOMINGAS

Zangada — Deixa-me!

FACÃO

Apertando-a mais — Então estou assim p'ra botar fóra?!

DOMINGAS

Luctando — Deixa-me! Deixa-me!

FACÃO

Deixa o quê?! . . . — *Beija-a* — Quem é que deixa?! . . .

DOMINGAS

Astuciosamente — A Julia! — *Elle larga-a com precipitação. Ella num riso despeitado* — Han! Han! Han! . . .

FACÃO

Voltando a si — E se fosse? . . . Ou se calava ou gravava.

DOMINGAS

Pois! . . .

FACÃO

E quando não lhe servir que se mude. Eu cá estou-me sempre nas tintas. Ha de nascer a primeira que me ponha o pé no cachaço. — *Pequena pausa* — Se querem, querem. Se não querem, arrei o mastro e boto á margem... Não falta logo quem embarque.

DOMINGAS

Depois d'uma longa pausa em que o olhou com desprezo — Pois que embarque quem quizer. — *Com riso amargurado* — Eu não torno a ir no bote.

FACÃO

E's palonsa!... — *Pausa. Aproximando-se e com sedução* — Até te calhava bem. — *Quasi ao ouvido* — Onde ellas se fazem, é onde se pagam. E tu sabes o que ella te fez. — *Mais alto e deixando de falar ao ouvido* — Sim, que eu não lhe andej a fazer fosquinhas. Não sou d'esses.

DOMINGAS

Ironica — Não...

FACÃO

Claro que não. Aquilo era sestro da gaja. Andava p'r'ahi ralada... a cacarejar e sem pôr ovo... Toquei-lhe com um dêdo e prompto... Caiu logo como devia sêr.

DOMINGAS

Cala-te, ao menos, canalha!

FACÃO

E foi ella quem quiz que nos pigassemos. Cá por mim estava tudo fixe... Nem tu precisavas de saber nada.

DOMINGAS

Consumida — Ui!...

FACÃO

Ora se quizeres as coisas p'lo direito, é assim: a gente vem p'r'aqui. Ella que trabalhe, que tem bom cõrpo. Tu ficas na panria, que o mereces... E depois cá nos entendemos. Percebes?

DOMINGAS

Muito surpreendida — Percêbo... Percêbo...

FACÃO

De nôvo ao ouvido d'ella — Mas nada de dar á dica, hein! Fica tudo só p'ra nós dois. E acabem-se as zaragatas, p'r'acabar c'os falatorios.

DOMINGAS

Nos cafés?...

FACÃO

Nos cafês e em toda a banda. E' uma mãe e uma filha sempre nas bõcas do mundo! — *Moralista* — E' uma vergonha!...

DOMINGAS

Sim. Depois com vocês ambos aqui, de casa e pucariño, e á minha custa, não era vergonha?

FACÃO

Ninguém tinha nada que vêr... E isso de ser á tua custa... eram falas muito compridas.

DOMINGAS

Ai! Era á tua?!...

FACÃO

A quem deves o que tens? Foi herança? — *Metendo a ridiculo* — Eras filha d'um grande janota, já sei, e casada com outro. Mas foram-se ambos p'r'ó major e tu ficaste á paisana. Onde é que eu te encontrei? Na moína. De chas-

— pelinho, mas a pedir esmola p'ra mosquires, mais as miudas. E desde que eu m'alapardei nesta casa, nunca mais cá houve traça.

DOMINGAS

Nem sombra de virtude.

FACÃO

Já cá tardava a virtude! . . . Enchias o bandulho e ás creanças . . .

DOMINGAS

E a ti.

FACÃO

Sem andares a pedir esmola.

DOMINGAS

A vender-me a quantos vinham.

FACÃO

Olha a canceira! . . . A questão é que bebias e comias . . .

DOMINGAS

Pancada, quando não vinham.

FACÃO

Num gesto de grande rancôr — Inda te queixas, estupôr! . . . Dei-te ordem á vida. Assoprei-te este negocio. Se hoje estás de grande, a mim m'o deves. Ou não?

DOMINGAS

Sim. Devo, devo! . . .

FACÃO

Então não alevantes tanto a grimpa. Tenho aqui cabidela. E a tua filha, é tua filha.

DOMINGAS

Ouvindo passos na escada — E vae-me na peugada.

JULIA

Surge no atrio da D. F., abre a porta, dá passagem ao homem com quem tinha entrado e batendo-lhe nas costas — Agora vê lá se nunca mais apareces. — O homem sae. Ella indo á porta e falando para a rua — Pergunta pela Julia — Pausa — Adeus. — Fecha a porta, entra em scena com ar massado, e, vendo Manuel Facão que se escondeu no vão da escada enquanto o homem passou — Tu! . . . Aqui! . . .

FACÃO

A buscar-te.

JULIA

Oh! Não se perdesse a prenda p'lo caminho . . .

FACÃO

Olha a grande duvida. Não sabes que a cabrada anda hoje co'a môsca? E depois se te levassem de charola p'r'ó estarem?!

JULIA

Metiam-se em bons trabalhos. — *Traz dinheiro trocado na mão, conta-o, atira uma parte para cima da meza e mete o resto na perna, por dentro da meia.*

FACÃO

Depois d'uma longa pausa — Vim buscar-te e aprovei-tei p'ra palrar aqui co'a tua mãe.

JULIA

Disseste-lhe?

FACÃO

Disse.

JULIA

E então?

FACÃO

Não ha nada neste mundo que se não faça. A questão é um homem dar com gente que veja dois dedos adiante do nariz. Tu vens, é uma vantagem para todos e uma satisfação que se dá ao mundo! Tá bem de ver qu'ella não quer cá quem lhe rôa os figados. Quer quem trabalhe. Isto, bem governado, dá um dinheirão medonho, sem ninguem se ralar. E o que é justo, é justo. A maior queijada é ali p'r'á patrôa, hein?! . . . — *Indo até Domingas* — Que dizes?

DOMINGAS

Que não são horas de tratar negocios. Desandem.

FACÃO

C'os diabos! Não é coisa assim que leve muito tempo a resolver, e eu preciso do meu governo. Este sistema das rugas vae pegando. Os pasmados andam sempre a metêr o nariz na vida alheia. Qualquer dia engavetam-me, e são capazes de me julgar vadio. . . Ora um homem aqui dentro até faz geito. — *Pausa* — Que dizes?

DOMINGAS

Com impaciencia — Que desandem. — *Manuel Facão olha-a com ar carrancudo.*

JULIA

Com ar de troça — Isso, naturalmente. . . quer pensar.

DOMINGAS

Já pensei.

JULIA

Então. . .

DOMINGAS

Com maior impaciencia — Então desandem, já disse, e não se preocupem mais comigo. Passo bem sosinha. Não

preciso de ajudas de ninguém, e, se precisasse não era das vossas.

JULIA

A Manuel Facão — Ah! tens! Percebe-la?... Eu que te disse?... E' a Maria da Luz que já se atravessou.

DOMINGAS

A Luz não é chamada á conversa.

JULIA

Pois não será, mas eu é que já vi tudo. Ella que não se atravesse no caminho das mais, porque lhe póde sair a porca mal capada!...

FACÃO

Com ameaça — A's vezes assucedo. Não ha nada que não possa assuceder.

DOMINGAS

Sentindo turvar-se-lhe a vista — Não!... Nunca!...
 — *Com os dentes cerrados* — Ha uma coisa que nunca succederá... E' eu ter parança, um dia que seja, debaixo do tecto que vos cobrir. Sigam lá para a vossa vida, malandrem á vontade como entenderem, e sejam felizes, mas ao largo... Ao largo e sem se preocuparem mais com o que eu tenho ou deixo de ter. O meu trabalho posso bem com elle; o meu socêgo não são vocês que m'o dão, são vocês que m'o roubam; não quero a vossa ajuda para nada, nem vos quero ajudar em nada; — *numa exaltação crescente* — quero que me larguem, que me deixem, porque, por muito que eu tenha ou necessite... — *Exaltadissima e apontando* — tu!... e tu!... — *Rangendo os dentes* — nem na hora da agonia!... Nem para o perdão de Deus!... — *Cae nos braços de Maria da Luz, que, aos gritos destemperados da mãe, acudiu descalça, em camisa e enfiando*

um casaco que a cobre até meia perna. Maria da Luz é uma figurinha fragil, graciosa, senhoril.]

LUZ

Acarinhando-a e procurando acalma-la — Mãe! . . . Socegue! . . . Então, que é isso?! . . . Vamos, mãe! . . . — Longa pausa, em que se ouvem apenas os soluços de Domingas.

[FACÃO]

Esfregando o nariz e sorvendo, como quem sorve uma impaciencia que lhe está a comer nas ventas — Vê lá tu, Julia, s'isto não é mesmo p'ra provocar um homem! . .

JULIA

*Com um riso escarninho e atravessando a scena, gíngona, em direcção a ellas — Nem na hora da agonia, hein! . . . Já tem quem lhe feche os luzios?! . . . Pois eu cuidei que não vinhamos aqui pedir esmola. Pensava, cá no meu entender, que onde cabe uma filha, cabe a outra . . . Mas essa, p'lo visto, — *apontando os olhos* — tem os clisios mais bonitos! . . . Que se regale. Os meus toscam bem, e é quanto basta. Já sei bem onde isto tudo vae batêr . . .*

LUZ

Com bom modo — Julia . . .

JULIA

Interrompendo-a num rompante — Julia, quê?! Que é que queres da Julia?! . . .

[FACÃO]

Segurando-lhe um braço e com ironia — Trava . . . Trava . . . que vae falar a donzela.

LUZ

Como quem nem ouviu o que elle disse — . . . Não

consumas hoje mais a nossa mãe. E' uma barbaridade. Amanhã vens falar comigo e verás que ninguem aqui te quer mal.

JULIA

A Manuel Facão, que lhe conserva ainda o braço preso — E tem as falinhas doces, han! . . . Ai! não, brinca! . . . Não que borrêga mansa, mama a sua têta e a alheia.

LUZ

Com uma ligeira impaciencia — Então, Julia! E' demais! Já te disse que amanhã falamos. Vão-se embora.

FACÃO

Isso do vão-se embora, é também comigo?

LUZ

E' com ambos.

DOMINGAS

Luz, minha filha! Não te mêtas. Deixa-os, deixa-os.

FACÃO

Com as costas da mão em riste — Querem vêr . . . qu'inda tenho de apagar a luz? . . .

DOMINGAS

Levantando-se impelida por uma mola — Quem?! . . . A quem?! . . . Tu cuidas que tocar ali, era bater-me ou bater nessa?! . . . Atrêve-te, malandro! . . . Atrêve-te e verás como me basta dizer á policia metade do que sei da tua vida, para que não sejas mais estôrvo de ninguem.

FACÃO

Rindo — E não ias também no embrulho?

DOMINGAS

Que me importa! Atrêve-te e verás. — *Virando se para Julia, sempre na mesma exaltação* — E tu — com in-

tenção — que toscas tudo, que vês tão bem onde as coisas vão bater, fica sabendo o que este malandrão veio propôr-me . . .

FACÃO

Interrompendo-a como quem deseja falar — Com licença, com licença . . .

DOMINGAS

Continuando sempre — . . . Seria, ás tuas escondidas, meu amante . . .

FACÃO

Como que surpreendido — Eu?! . . .

DOMINGAS

Sempre sem pausas — Pagava-me o agasalho que vos dêsse, como paga tudo o que apanha das mulheres . . .

JULIA

Energica a Manuel Facão, que pretende interromper Domingas — Deixa ouvir.

DOMINGAS

. . . Instigava-me a que me vingasse do que tu . . .

FACÃO

Bruscamente, afastando Domingas de Julia num encontrão, e falando para esta — Deixa ouvir, quê? . . . Um homem tambem não póde ouvir certas coisas. — *Domingas, com um braço magoado, vae parar ao pé de Maria da Luz, que cuida d'ella consumidissima. Elle mudando de expressão e como quem percebe de repente* — Ai! . . . Agora! Agora! . . . Olha onde a gaja queria ir ter! . . . — *A Julia* — Já cocáste? A gente ainda nem sabe bem o que ali está! . . . Era para vêr se nos punha de rixa, entendes? Ora a historista! . . . O que ella foi magicar! . . . — *Rindo*

Ah! Ah! Ah! — *Julia olha-o desconfiada. Elle notando-lhe a attitude* — Não acredites, rapariga! Não sejas bronca. Deixa-a marrar, coitada, que tudo aquilo é dôr no côto, percebes? — *Puxando-a* — Vem-te embora, que o que ella quer é embarrilar-te . . .

JULIA

Afastando-o, passa para o lado da mãe, e depois d'uma pausa—Pôde muito bem ser qu'elle lhe arreganhasse a taxa, que o traste não é seguro. Mas, p'ra que vocemecê não fique a chocar ideias, é bom que saiba como elle fala de si lá por fora a quem o quer ouvir: — *Com escarneo* — E' a durazia . . . a barbas d'alho . . . a jarrêta . . . o traste velho, a matronaça, a osga . . . — *Domingas caiu em chôro convulso. Luz, consumidissima, não se atreve a intervir.*

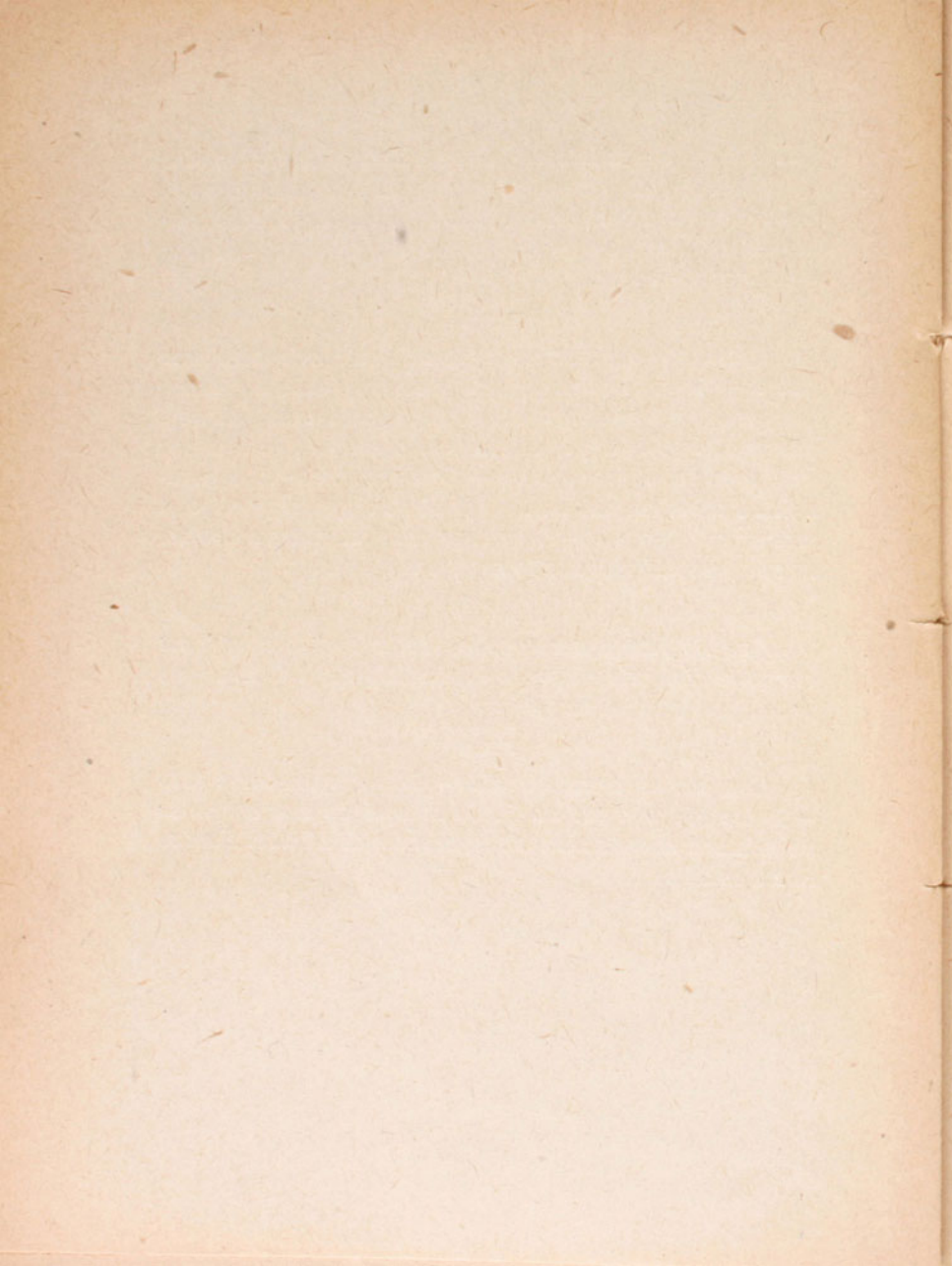
FACÃO

Que do fundo acompanhou cada epiteto com uma gargalhadinha de escarneo — Deixa lá a gêba, coitada, que já está com soluços na guitarra.

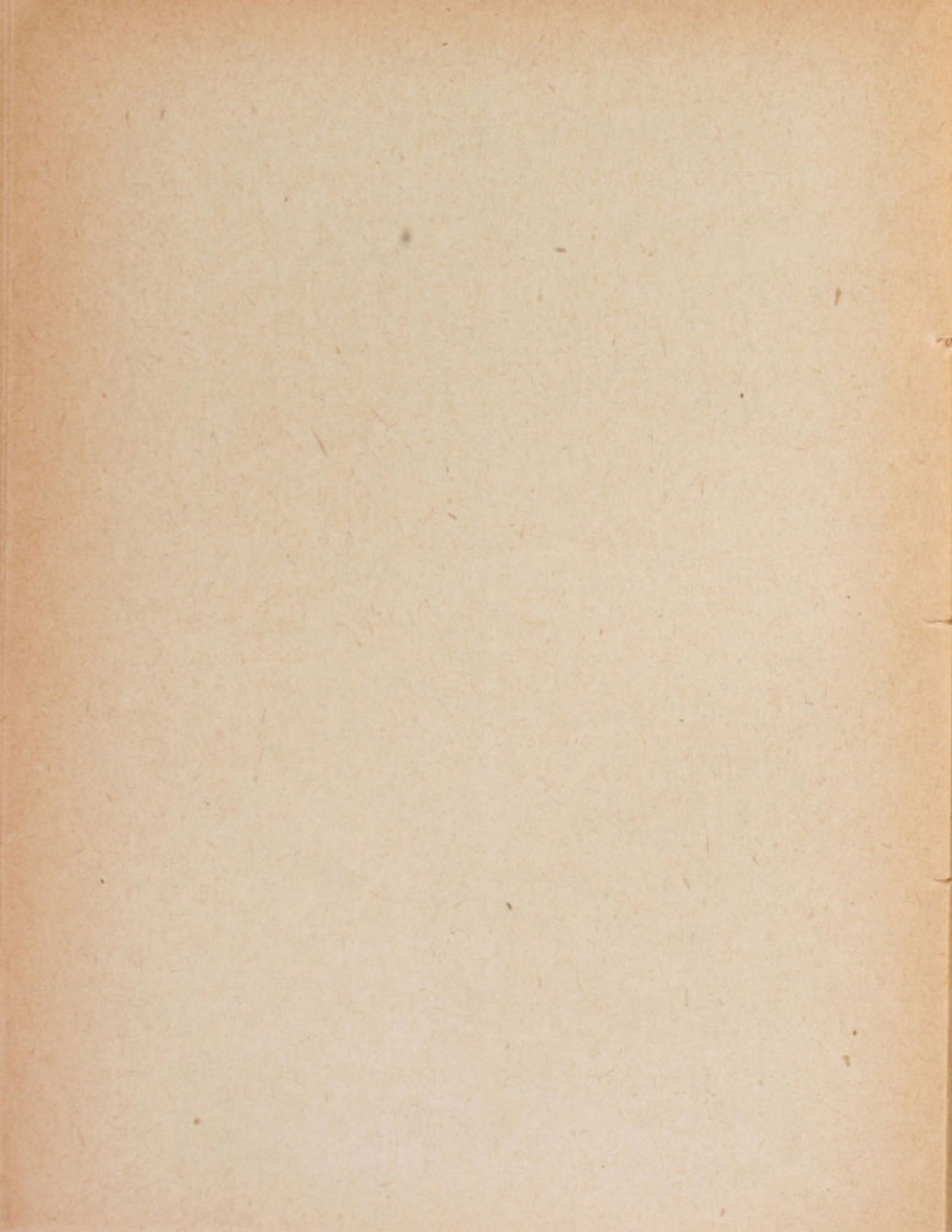
JULIA

Com um escarneo canalha — São amarguras di-o fado — *Segue gingona até ao F. Os soluços da mãe ouvem-se de mistura com os risos ehasqueantes de Manuel Facão. Saem os dois.*

PANO LENTO



SEGUNDO ACTO



O LÔDO

ACTO II

O mesmo scenariô. O mesmo candieiro acêso sobre a meza. A mesma disposição em todas as coisas. Tudo comô ficou ao concluir o primeiro acto. Ao subir o pano a scena está vazia. Pouco depois ouvem-se passos na escada. E^a Domingas que desce.

DOMINGAS

Surge no atrio do F. com um jarro numa das mãos e um castiçal acêso na outra. Atravessa em direcção á porta E. A., sae, pousa o jarro, volta com o castiçal ainda acêso, apaga-o e vae pô-lo debaixo da escada, numa prateleira. Depois enxuga os olhos, onde ha ainda vestigios de lagrimas, enche um calice de agua-ardente, bebe-o, volta á scena e, vendo Maria da Luz, que sae nesse momento, já vestida, do quarto E. B. — Filha, não te deitaste?

LUZ

A caminho da meza do primeiro plano — Não, para quê?... — Pousa na meza papel de carta e envelopes que traz na mão — Não conseguia dormir. — Vae buscar tinteiro e pena — Vesti-me e Deus traga o dia depressa. Quero principiar a minha vida nova. — Indo até Domingas e, carinhosa — A mãe é que devia descançar um bocadinho.

DOMINGAS

Eu?!... O meu descanço... — Esboça nova crise de chôro.

LUZ

Então! Voltamos á mesma scena? — *Limpendo-lhe os olhos* — Prompto. Passou?

DOMINGAS

Dominando-se e conseguindo mesmo sorrir — Passou.

LUZ

Bem, bem. E por hoje não se fala mais no assumpto.

DOMINGAS

Abstrata — Pois não. — *Pausa* — Que vaes fazer?

LUZ

Escrever á madrinha.

DOMINGAS

Ah! . . .

LUZ

Depois duma pausa — Porquê?

DOMINGAS

Perguntava. — *Ligeira pausa* — Se não estorvasse deixava-me ficar ao pé de ti. Custa-me muito estar só.

LUZ

Sim, mãe. Fique. Escrevo logo ou amanhã. Tenho muito tempo. O que me incomoda é que a mãe passe a noite sem se deitar.

DOMINGAS

Nunca me deito enquanto não é dia.

LUZ

O quê?... Passa todas as noites a pé, aqui, sósinha?!

DOMINGAS

Ensimesmada — Todas as noites a pé, aqui, sósinha.

— Luz olha-a com surpresa. Longa pausa. Domingas pega machinalmente no papel que está sobre a meza. Observa-o depois como se elle já tivesse coisas escritas, e no tom d'uma nova preocupação — Que vaes dizer-lhe? — Luz não responde. Domingas caminhando para ella — Aflige-me tanto, minha filha, que não me contes sinceramente porque saiste de lá!

LUZ

Com ligeira impaciencia — Oh! Santo Deus! . . . Por nada.

DOMINGAS

Quizeste sair, ou foram elles? . . .

LUZ

Quiz sair. Já o disse não sei quantas vezes. Sinto-me com habilitações para ganhar a vida. Não é pouco o que fizeram por mim. Não tenho o direito de aceitar mais.

DOMINGAS

Não, filha, não. Tu não davas esse desgosto á tua madrinha por capricho.

LUZ

Que desgosto?! Eu deixo de ser amiga d'ella? Não continuarei a visita-la . . . sempre que puder?

DOMINGAS

Isso não paga o que fizeram por ti. Cuidaram te, educaram-te, salvaram-te d'esta imundicie, querem-te lá e tu respondes que já não precisas, que já tens habilitações?! . . . — *Transição* — Compreendes . . . Não é tirar-te contas . . . — *Com amargura* — Quem sou eu para faze-lo?!

LUZ .

Num vago profesto — Oh ! mãe ! . . . — *Pausa* — Bom. Saí porque não posso comer mais tempo o pão da esmola.

DOMINGAS

Surpreendida — Fizeram-t'o sentir ?

LUZ

Com firmeza — Não. Nunca.

DOMINGAS

Não eras como filha ?

LUZ

Sem paciencia — Sim. A madrinha é uma santa. Quer-me muito.

DOMINGAS

Observadora — E os outros ?

LUZ

Depois d'uma ligeira vacilação — Tambem.

DOMINGAS

O teu padrinho . . .

LUZ

Cortando rapido — Não é meu padrinho!

DOMINGAS

Com um olhar penetrante — E' como lhe chamavas . . . Bem ; mas seja . . . O marido da tua madrinha não está menos preocupado. Põe á nossa disposição o que fôr preciso para que não te demores . . . aqui.

LUZ

Num sobresalto — Com quem falou elle ? ! A quem o disse ? !

DOMINGAS

A' Marcolina.

LUZ

Exaltada — Mãe! A mãe não aceita cinco reis d'esse homem.

DOMINGAS

D'esse homem! O teu padrinho, — nunca te ouvi chamar-lhe d'outra forma; — a pessoa que te salvou... tratalo agora por «esse homem»?!... — *um tempo de reflexão* — Mas então... foi por causa d'elle!... — *a medo* — Pretendeu alguma coisa... de ti?!... — *N'uma exaltação subita* — Era o que eu suspeitava! Nem tu saias com essa precipitação e para esta casa, por qualquer outro motivo! — *Num desespero* — Que mundo!... Que miséria!... — *Transição rapida* — Filha! Mas tu és a mesma?... A minha filha?... A unica... que se salvou?!... Diz. Diz.

LUZ

Com uma firmeza que não deixa a menor duvida — Sim.

DOMINGAS

Muito comovida — Bemdito seja Deus! — *Estreita-a nos braços, acarinha-a, olha-a embevecida.*

LUZ

Com os olhos nos olhos de Domingas, observa-a com um ar estranho, e, depois, como quem fala a si mesma — E' bem o amor materno! Ri e chora!... A alegria, a dôr, a ternura, tudo quanto é sentimento numa alma... o coração inteiro vem-lhe aos olhos, entre lagrimas e risos porque eu sou pura e honesta!... — *Domingas toda se enleou a ouvi-la. Luz estreita-lhe a cabeça ao peito e, beijando-lhe*

os cabelos; numa amargura — E póde esta mãe, esta, a mesma! . . . negociar outra filha e convíver com ella n'este charco! . . . — *Gesto de surpresa de Domingas, que se desprende do peito da filha. Longa pausa. Luz enxugando os olhos e noutro tom* — Mãe, perdôe. . . E' que tenho muita pena de que seja tão desigual comnosco.

DOMINGAS

Magoada — Realmente não vos posso confundir. Distingo-vos como o dia da noite. Mas cuidei que não eras tu quem tinha razão de queixa.

LUZ

Nem me queixo. Habituei-me já ha muito a que as coisas nesta casa sejam irremediavelmente como são. E tenho momentos em que chego a conformar-me. . . Mas estive aqui só duas vezes, quando a mãe adoeceu. Encontravamos sempre lá fora. Não julgava nada do que vi e ouvi esta noite! . . . E' horrivel! . . . E' bem peor do que eu supunha! — *Chôro nervoso* — Ai! Mãesinha! Estou a consumi-la mais. Não faça caso. São nervos. — *Chora.*

DOMINGAS

Na mesma atitude magoada — Não, não. Tens todo o direito de acusar-me.

LUZ

Sincera — Não é acusar, juro. . . E' uma tortura. . . Nem sei. . . Não compreendo. A mãe, que não nasceu neste meio, que não é d'esta gente, nem foi educada nestes costumes. . . como póde, mãe, viver aqui, conformar-se com tudo isto?! . . . — *Noutro tom* — Emfim! Eu tenho vontade de conversar muito comsigo sobre a sua e a minha vida, mas confesso que escolhi mal a ocasião. — *Acariciando-a* —

Amanhã. Amanhã quando a mãe estiver serena, bem disposta, e, sobretudo, disposta a compreender-me bem. Hoje, nem a mãe, nem eu, estamos capazes de nada que nos aflija mais.

DOMINGAS

Que ficou a olha-la com surpresa — Queres falar-me da tua vida ?!

LUZ

E da sua.

DOMINGAS

Na minha não ha nada que tu devas conhecer.

LUZ

Com firmeza — Engana-se. Devo, preciso e é justo que conheça tudo. E a mãe ha de ser a primeira a reconhece-lo.

DOMINGAS

Porquê ?!

LUZ

Ora porquê, mãe, porquê! . . . Veja. Sahi d'esta casa numa idade em que nós não temos a consciencia do que somos, nem do que é a vida. Não compreendemos a significação do que se passa á nossa volta. Ao meu espirito de creança figurava-se que o mundo era isto, e que todos mais ou menos viviam como nós. Só em casa da madrinha . . .

DOMINGAS

Anciosa — Diz.

LUZ

Depois d'uma pequena pausa — Só em casa da madrinha recebi as primeiras impressões d'um mundo inteiramente

diverso . . . e, á medida que ia crescendo, ia crescendo a meus olhos a distancia que separa a minha casa das dos outros! . . . — *Tomando a mão de Domingas* — Eu não quero faze-la sofrer, mãe . . . quero apenas que a mãe saiba que soufrí muito, muito! . . .

DOMINGAS

Diz. Diz tudo.

LÚZ

E o que me doía mais era ver as outras filhas acarinhadas pelas suas mães! . . . Aprendi logo na leitura dos primeiros livros que as mães eram como santas . . . intermediarias do ceu na terra para nos guiarem em todos os passos, e nos defendem de cada perigo . . . Assim era realmente com as outras. Via-as correr para as suas mães ao mais pequeno desgosto, ou por simples ternura . . . Pelo desejo apenas de serem amimadas . . . E eu, para vêr a minha mãe, tinha que me encontrar com ella ás escondidas! Não me deixavam vir a sua casa, e mesmo lá fóra . . . era conveniente que falassemos o menos vezes possível. Assim o entendiam todos.

DOMINGAS

E assim o entendia eu tambem.

LÚZ

Sim. Até a mãe fugia de me vêr! E, se me via, enternecia-se muito, fazia-me muitas festas . . . Mas nunca nos ligavamos n'uma conversa duradoura e communicativa. Tudo quanto principiavamos a dizer morria ás primeiras palavras, n'um ar de misterio e de tristeza desoladôres . . .

DOMINGAS

Se eu tinha mêdo de falar contigo . . .

LUZ

Enervada — Era o que eu percebia, é o que me revolta, e foi o que me fez corrêr para si na hora do primeiro perigo, na hora em que só o desespero de não ter quem me defendesse me defendeu da infamia que pretendia roçar-se pelo meu cõrpo. — *Exaltada* — Rompi com todas as considerações, vim para minha casa, para sua casa, sem me preocupar com coisa alguma... Quero falar á minha mãe .. Nunca falei com a minha mãe!... Quero abrir-lhe a alma toda! encontrar a alma d'ella... seja como fôr!... Não me importo! E's tu a minha mãe, e é a ti que venho queixar-me .. — *Abraçam-se as duas a chorar convulsivamente. Longa pausa. Luz transitando lentamente para uma serenidade forçada* — Aqui tem o que me decidiu a procura-la para lhe dizer tudo isto d'uma maneira cruel, talvez, mas que é a mesma por que eu quero que a mãe me fale de si.

DOMINGAS

Sobresaltada — Eu?!... E para te dizer o quê?

LUZ

Primeiro para me tirar esta amargura horrivel. Vim encontrar outra filha ainda mais desgraçada do que eu! **A** Julia. Diga-me, mãe, que tudo o que eu vi é mentira. Que o odio que faiscava nos olhos d'uma e d'outra é um simples mau habito de vivêr, mas que não se detestam .. Diga, diga...

DOMINGAS

Depois d'uma pausa — Não, Luz. Eu não sou inimiga da tua irmã. Não me surpreende que o julgues porque todos o julgam. O odio que me veem faiscar nos olhos não o distinguem, porque elle mesmo parece confundir tudo. Mas não é para a tua irmã.

LUZ

Depois de se quedar um momento a reflectir — Para quem ?...

DOMINGAS

Para esse miseravel a quem ella se ligou, e que a arrasta cada vez mais para a miseria. Tão inseparaveis os vejo que é possivel que a cegueira do meu desespero pareça envolver os dois. Mas não é ella, não, quem eu odeio. E' esse canalha que tem sido o instrumento de toda a minha desgraça, esse canalha a quem eu detesto e de quem tenho mêdo como se elle fosse a propria desgraça ! Esse bandido que cada dia nos afunda mais ! Que não entra aquella porta que não seja portadôr d'uma nova infamia... e que eu não sei escorraçar, banir d'uma vez para sempre da minha vida, porque me leva uma filha comprehendes?... Vês agora porque eu paço detestar a tua irmã ?...

LUZ

Sim, mãe, vejo...

DOMINGAS

Não é odio, não... E' o desespero, a raiva de a vêr ir para o fundo, por minha culpa e sem que eu lhe possa valêr...

LUZ

Depois d'uma reflexão — E foi este homem quem a perdeu a si tambem ?...

DOMINGAS

A mim ? !... Não sei.

LUZ

Foi !

DOMINGAS

Depois d'um gesto negativo — Não, filha. Eu cheguei cá abaixo porque era este o meu caminho.

LUZ

Mãe!...

DOMINGAS

Era — *Pequena reflexão* — Podia em poucas palavras dizer-te toda a minha vida. Bastava contar-te uma pequena historia de quando eu era creança.

LUZ

Muito interessada — Conte, conte!...

DOMINGAS

Depois d'uma pequena pausa e como quem está a ver passar deante dos olhos tudo o que vae dizer — Não nasci n'este meio, nem d'esta gente, — tens razão. A minha infancia recorde-a toda como um lindo sonho... — *Pequena pausa* — Lindo, sim... até um dia em que eu e outras brincavamos n'um campo muito grande e muito cheio de sol! O que nós riamos e corriamos, e eu mais que todas, disparadamente, n'uns grandes saltos! O sol picava toda a minha alegria infantil, que era bem a alegria de viver!... Corria... corria á doida, até não poder mais; e fui cair cançada, n'umas pedras, a beira d'uma agua muito negra, que me fez logo afflicção. Como podia, no meio de tanta luz, ser aquella agua assim tão feia?! E sendo pouca, porque se lhe via o fundo, como dava a impressão de não ter fundo?!... Debrucei-me... Cabi. E logo uma terra molle e vagarosa principiou a abrir-se para me engulir! Gritei, gritaram todas, debatia-me... E o lodo a engulir!... Ninguem que me acudisse... E o lodo a engulir sempre devagar!... Sentia-o como uma lêsma a subir pelo meu corpo! Era bem a morte, a morte fria, a morte negra, que se apoderava de mim a pouco e pouco!... Que horrôr! Que horrôr!... Sentir a propria terra a abrir-me a cova!... Ser enterrada viva!... — *Pausa. N'outro tom* — Acudiram. Veiu gente. E

o lódo até ahi d'uma molêza desleixada, creou logo fôrças para lutar. Prendeu-me pesado e forte. Sugava com desespero. Vi-o espumar de raiva. Tiravam-lhe o que era d'elle... o que já era d'elle... — *Transição* — E' isto afinal a minha vida, e não queiras saber mais.

LUZ

Querida mãe! .. — *Pequena pausa* — Porque não luta ainda hoje. Porque não tenta sair do lódo segunda vez?

DOMINGAS

Porque seria tentar o impossivel.

LUZ

Oh! . . .

DOMINGAS

Duvidas? Julgas que o lódo desistiu de mim? Nunca mais desde essa hora. Apoderou-se-me dos sonhos... Fazia-me acordar num grito. Via-o em cada sombra... Era uma massa negra com os olhos fitos em mim.

LUZ

Sustos de creança.

DOMINGAS

Signo de cada um.

LUZ

Não, mãe! Que horror! Pode lá acreditar-se na perseguição das coisas, de coisas que não teem vida.

DOMINGAS

O lódo fez-se vida para me afundar . . .

LUZ

Oh! Quer convencer-me de que um desastre na sua infancia marcou para sempre o seu destino? . . .

DOMINGAS

Não foi o desastre que marcou o meu destino. Foi o destino que se revelou já no desastre. E' que tu não sabes como eu tenho sido desgraçada desde esse dia em que a fatalidade me salvou da morte. Não sabes como fiquei depois orfã, só e pobre. . . Assim era preciso. . . Casei mal, por desgraça, na precipitação de fugir da minha sorte ruim e por maior desgraça enviuei com uma filha em cada braço. E o monstro, os olhos do monstro, sempre na sombra á espreita. . . — *Transição* — Emfim. . . Queres falar-me tambem da tua vida. . . Fala, fala. . . Diz-me o que tencionas fazer agora, meu amôr.

LUZ

Que ficou um tempo a olha-la com amargura, sacudindo tambem ideias tristes — Trabalhar.

DOMINGAS

Mais, conta-me todos os teus projectos.

LUZ

N'este momento tenho apenas um. Esperar o dia e ir de atelier em atelier pedir trabalho.

DOMINGAS

Alarmada — Filha !. . .

LUZ

Sim, mãe. E nada me assusta. Arranjo um quarto, trabalho de dia e de noite, e, para viver honestamente, hei-de ganhar.

DOMINGAS

Já não vaes professôra para o tal collegio ?!

LUZ

Estive lá de tarde. O lugar que me prometeram está

preenchido. Deram-no a outra que tinha empenhos. — *Com convicção* — Ah! Mas a vida não me mete medo.

DOMINGAS

Filha! — *Agarrando-a e olhando-a muito nos olhos* — Continuará a perseguição também em ti?!...

LUZ

Em mim?!... — *Sorri com desdem, mas de sobr'olho carregado* — Oh!

DOMINGAS

Luz! Foi isso o que eu fiz quando fiquei viuva. Procurei que fazer de loja em loja; meti-me aqui dentro. Trabalhava de dia e de noite. Dizia a mim mesma, para me convencer, que a vida não me metia medo! — *Mais baixo e amarguradamente* — Mas veio logo o cansaço... a doença... Semanas sem ganhar...

LUZ

Interessada — Depois?... — *A um gesto de recusa da mãe* — Não, não! Agora quero conhecer a sua vida toda. Depois?

DOMINGAS

Continuando no mesmo tom — Depois a fome. E não era a minha a que mais me torturava. Era a vossa. Para vos trazer pão arrastei-me para a rua a escaldar de febre. Pedi esmola. — *Indicando-se a si mesma* — E como isto que aqui vês já foi bonito, o monstro sorriu na esquina. Os seus olhos via-os em cada olhar que se entremetia comigo.

LUZ

Canalhas!...

DOMINGAS

Não, minha filha, não há nos homens a mais ligeira

sombra de piedade. Calculas lá como eu lutei! O desespero com que me debati, como em creança, no charco, e como me venceram pela fome, reduzindo-me a um farrapo tão desprezível... que cheguei a ter vergonha de ser honesta! ..

LUZ

Vergonha! ...

DOMINGAS

Sim, minha filha. Os assomos da minha honestidade causavam riso... Um desdem que me chicoteava a cara, e primeiro mais me irritou. Subiam-me ondas de desespero! Lutei mais!... Mas eram todos a não acreditar. A honra d'uma mulher mal vestida e esfarrapada... é ridícula... E acabei por acanhar-me de a manifestar. Principiei a esconder a minha indignação... e, o primeiro que me levou, fê-lo num gesto de enfado! — *Com a voz cortada de lagrimas* — Que não me estivesse a fazer fina... Que essas coisas, para elle, já não pegavam — *Chora*.

LUZ

Comovidissima e acarinhando a — A minha querida mãe!...

DOMINGAS

Engulindo o choro o assoando-se — Veio outro, e outro... até que me prendi para sempre a um. Era o peor. — *Longa pausa. Depois carinhosa* — Vês? Fiz-te chorar...

LUZ

Com firmeza — Chorei por si. Quanto a mim, repito-lhe, a vida não me mete medo. — *Receosa de a ter magoado* — Não é que eu seja mais forte. E' que estou em condições muito diferentes. A mim, a doença e a fome não me encontram com duas filhas. Se vierem, veem... — *Noutro tom* — Mas tenho fé em Deus que não virão. — *Pequena pausa*.

Depois animada — Vou trabalhar, trabalhar! . . . — *Num sorriso* — E a mãe vae comigo.

DOMINGAS

Com sobresalto — Eu?! . . .

LUZ

Muito natural — Sim. Já não tem filhas a sustentar, e até me ajuda. — *Domingas continua sobressaltada* — Arranjamos o nosso quarto muito alegre, um postigo num telhado, mas bem de frente para o sol, cantamos, rimos, trabalhamos — *num gesto de mimo* — que também lhe hei-de dar que fazer — *noutra atitude* — e só nos amargurará a vida a lembrança da Julia. Essa nem espero, nem tentarei leva-la também conosco.

DOMINGAS

Como quem conclue as suas reflexões — Não, não . . . Não vou.

LUZ

Surpreendida — Porquê?! . . .

DOMINGAS

Num arremesso — Não vou. Já disse.

LUZ

Magoada — Oh! . . .

DOMINGAS

Emendando a sua aspereza — Não, filha, eu não posso ir contigo.

LUZ

Mas porquê?! O que a impede?! O que a obriga hoje a viver aqui?! . . .

DOMINGAS

Isto. Isto mesmo. Isto de que já faço parte e de que ninguém poderia arrancar-me. A força da propria desgraça, comprehendes? O poder com que ella absorve... A sua resolução tenaz de me sugar a vida inteira.

LUZ

Com bom modo — Mãe! Isso são palavras. Não são razões.

DOMINGAS

Assim o cuidas.

LUZ

Razões tem uma apenas. A de cá deixar a Julia.

DOMINGAS

Bom. Tenho essa.

LUZ

Mas bem vê. Se a não levamos é porque não podemos. A mãe ficando não remediaria nada. De resto, lá de longe poderíamos talvez ser-lhe mais uteis.

DOMINGAS

Nem tu podias levar-me. — *Gesto de surpresa de Maria da Luz* — Esqueces-te de quem sou?... Não comprehendes que vêrem-te comigo era o bastante para cuidarem mal de ti?

LUZ

Sincera — Não.. Se alguma coisa podia prejudicar-me, era que a minha mãe continuasse a vivêr aqui e a têr uma casa d'estas. — *Sacudida* — Bem, bem. Está discutido e resolvido. Prompto. — *A mãe reflete taciturnamente e conclue n'um gesto negativo* — Pois tem que vir. Quero absolutamente que venha. Preciso de que venha.

DOMINGAS

Com energia — Não. — *Mais suave* — Não posso.

LUZ

Não póde ? !...

DOMINGAS

Luz. Não me obrigues a escancarar mais a teus olhos a minha baixêza. E's a unica pessoa deante de quem ainda tenho pudôr. Contei-te o que de qualquer maneira te poderia fazer ter pena de mim. O que vae d'aqui em deante é miseravel sem perdão. Ocultei-t'o, enganei-te, menti-te... Não me obrigues a dizer mais nada.

LUZ

Mentiu ? ! — *Domingas muito timidamente, muito humildemente faz um gesto afirmativo* — Em que me mentiu, minha mãe ?

DOMINGAS

Com desespero — No que te disse da tua irmã. Na razão que evoquei para não a deixar sosinha...

LUZ

Oh !...

DOMINGAS

E' assim. Exiges que diga tudo... Queres absolutamente saber tudo ? ! Pois bem. Ha realmente um elo de ferro que me chumba a isto para todo o sempre... Uma prisão de que ninguem me poderia libertar... Compreendes ?... Compreendes ? !... — *Luz tomada da maior surpresa tem um gesto indeciso de negação* — O odio que me supreendeste no olhar não o percebes ainda ? !.. Não vês ainda porque é ? !...

LUZ

Sempre com o mesmo ar estranho — Porque detesta esse homem...

DOMINGAS

Com desespero — Porque o amo! . . .

LUZ

N'um grito — Mãe! . . .

DOMINGAS

Fôra de si — Porque o amo, sim. Não queres conhecer a minha alma, seja ella como fôr?! . . . Amo-o e a tua irmã...

LUZ

Mãe! Mãe! . . .

DOMINGAS

. . . odeio-a desesperadamente! Não tenho para ella um pensamento, um gesto, um olhar que não seja do mais rancoroso ciúme! Eu, que era capaz de dar a vida por ella, sinto por vezes ganas de lhe arrancar a vida! . . . A filha desapareceu, morreu . . . Sumiu-se dentro da mulher que me roubou o amante, e o gosa e me escarnece! . . . Para lh'o roubar de novo, um minuto que seja, sinto, presinto que acabarei por aceitar essa miseravel proposta de os receber aqui . . .

LUZ

Oh! . . .

DOMINGAS

Sempre exaltada — Hão-de vir para aqui! Hei-de te-lo pelos cantos ás escondidas! . . . *Olhando o chão como se fôra o proprio lodo em que se submerge* — E o meu medo todo é que lá no fundo, no fundo do charco, ainda me esperem coisas peores. . . — *Cae ofegante numa cadeira. Luz, va-*

rada de pasmo, conserva-se numa absoluta imobilidade. Domingas, passado um tempo, com amargura — Para que quizeste, minha filha, conhecer-me? Para ter a certeza de que eras mais feliz não tendo mãe?! . . . — Levantando-se — Mas vae. Foge de mim. Esquece-me. . . Diz-te engeitada. . . Nega-me, — que as engeitadas ainda podem de qualquer forma iludir-se sobre o misterio doloroso da que lhes deu o sêr. E de mim para ti já não ha illusões. Sou isto de que precisas de fugir. . . — Impressionada pela attitude de Luz, que continua imovel como se fôra a propria estatua de assombro — Filha! Filha! Que tens?

L.UZ

Caindo em naturalidade — Nada. — Passa as mãos pelos olhos e pela testa. Vae sentar-se e fica a reflectir profundamente. Domingas observa-a consumida. Longa pausa. Luz, quebrando o silencio — Bem. Seja. — Depois, pousando a mão na cabeça de Domingas — Como pôde viver-se esta vida, ao mesmo tempo de crime e de expiação! . . . Porque a mãe deve sofrer muito! . . .

DOMINGAS

Muito! . . .

L.UZ

Como devem ser pavorosas as suas noites, quando todos saem e fica sô! . . .

DOMINGAS

Um horror! . . .

L.UZ

Carinhosa — Pouse a sua pobre cabeça atormentada. Grande surpresa de Domingas — Sim, mãe. . . Pouse-a aqui. . .

DOMINGAS

Sempre na mesma attitude — Ainda tens carinhos para mim?! Admites a possibilidade de me perdoar?!...

LUZ

Eu não tenho nada a perdoar-lhe. Tenho de cuidar de si, de a tratar. E' a minha doente. Uma doente que me vae dar grande trabalho... Mas que fazer!... *Domingas cae em choro convulso no peito da filha* — Isso. Chore muito, muito, aqui bem no meu peito. — *Longa pausa.*

DOMINGAS

Limpendo os olhos — Ha quanto tempo não chorava assim!... — *Enternecida* — Bem haja a minha querida filha que me consola no momento em que devia amaldiçoar-me!... E's a primeira pessoa na vida que me consola! A primeira com quem desabafo! Que impressão tão nova para mim! Nem tu sabes bem o bem que me fizeste, minha filha!... Que Deus te pague... Que Deus te pague... — *Está de joelhos ao pé d'ella. Beija-a nas mãos.*

LUZ

Tentando ergue-la — E agora? Vae descansar um bocadinho?

DOMINGAS

Suplicante — Oh! Não! Estou tão bem!

LUZ

Não quero que passe a noite sem dormir.

DOMINGAS

Erguendo-se — E as outras?... Quando todos saem e fico só... disseste bem... Quando tudo isto é silencio!... Quando chega a hora do remorso e elle me aparece vivo... — *A um gesto de surpresa de Luz* — Sim, filha. Não é

ilusão dos meus olhos. E' o remorso vivo que surge, feito fantasma, n'esta casa, mal eu fico sósinha! Um monstro!... O mesmo que me perseguiu a vida toda. Mas vem agora sob a forma de castigo!... Caminha sobre mim... Desaparece... Volta... E eu fujo, choro, suplico... mas nada o compadece!... Quando a luz da manhã entra n'esta janella dá sempre comigo a um canto, tránsida de pavôr!...

LUZ

Consumida — Oh! Santo Deus!... — *Resoluta* — Pois nunca mais terá noites d'essas.

DOMINGAS

Estranhando — Porquê?

LUZ

Porque nunca mais a deixo só,

DOMINGAS

Tu!... Ficas aqui?!

LUZ

Se a mãe não quer vir comigo... que remedio.

DOMINGAS

Ah! não! Não consentia.

LUZ

Não?... Ora ouça: Estou num momento especial da minha vida em que a propria mãe receia que me faltem forças para me defender. Peço-lhe que me acompanhe e me proteja... A mãe recusa... Mas como tudo o que acabo de saber me impossibilita de a deixar aqui sósinha, ou peor, porque admitiu a possibilidade de meter cá dentro a Julia e esse homem, pergunto-lhe: com que direito me recusa o ficar eu comsigo?

DOMINGAS

Com o de não poder consentir que tu vivas nesta casa.

LUZ

E não se importa que me perca lá sósinha! . . .

DOMINGAS

Tu não tens medo da vida. Tu sabes defender-te. Foste tu própria quem o disse.

LUZ

Disse. E a mãe duvidou. — *Pausa. Noutro tom* — Fez bem, porque eu mesma, depois de tudo isto, sinto um profundo desalento! . . . Perdi todas as forças que trazia . . .

DOMINGAS

Filha! Tu não estás a falar a serio.

LUZ

Energica — Com toda a verdade que me cabe na alma. Se sair de ao pé de si, faço-o com um desanimo . . . perigoso.

DOMINGAS

Caminhando para ella e depois de a ter fitado muito, e por muito tempo — Irei contigo.

LUZ

Abraçando-a — Oh! minha querida mãe! . . .

DOMINGAS

Vou. Sei muito bem que o que tu queres é forçar-me a ir. Pois vou. Ainda que me rôa de desespero, vou contigo, já que assim o exiges. Mas ouve bem, minha filha! O que desejas é arrancar-me do lodo. Não sou eu que vou para te salvar. E's tu que vens salvar-me . . . E tenho medo.

LUZ

De quê ? !

DOMINGAS

Não sei, não sei . . . O lôdo não perdôa . . . Não sei que mal presinto para ti em queres ligar a tua á minha vida . . .

LUZ

E eu não presinto nada, senão bem. Ao pé de si desaffio todos os perigos.

DOMINGAS

Filha !

LUZ

Arrogante — Todos ! Estou ao pé da minha mãe . . Nenhum me tocará.

DOMINGAS

D'olhos fixos na janela — Filha ! . . . Filha ! . . . — *Agarrando-a a tremêr muito* — Minha filha ! . . .

LUZ

Sobresaltada, olhando alternadamente a mãe e a janela — Que tem ?

DOMINGAS

Arripiada. — Os olhos ! . . . *Apontando a janela* — Vi-os ali !

LUZ

Sentando-a e risonha — Que olhos são esses que só os seus olhos veem ? — *Indo corrêr a cortina para que se veja para fóra* — Onde estão ? Vamos, diga . . . Coisas de imaginação que hão de passar. — *Fecha as portas de dentro da janella, vem até Domingas muito alegre, e, bei-*

jando-a — Agora sim. Já tenho que dizer na carta para a madrinha. Ia inventar mentiras, para que ella julgasse tudo, menos a razão porque a deixei; e já tenho que lhe dizer, sem mentir. Vim buscar a minha mãe, tira-la d'isto... Vivêr com ella feliz e satisfeita.

DOMINGAS

Deus te ouça.

LUZ

Ouvirá se a mãe me fizer a vontade em tudo o que eu lhe pedir... e principia por ir deitar-se um bocadinho.

DOMINGAS

Apertando as fontes, com dôres de cabeça — Sim, Vou, vou. Escreve.

LUZ

Beija-a, vae com ella até ao quarto, e ficando da porta a olhar — Não se despe?

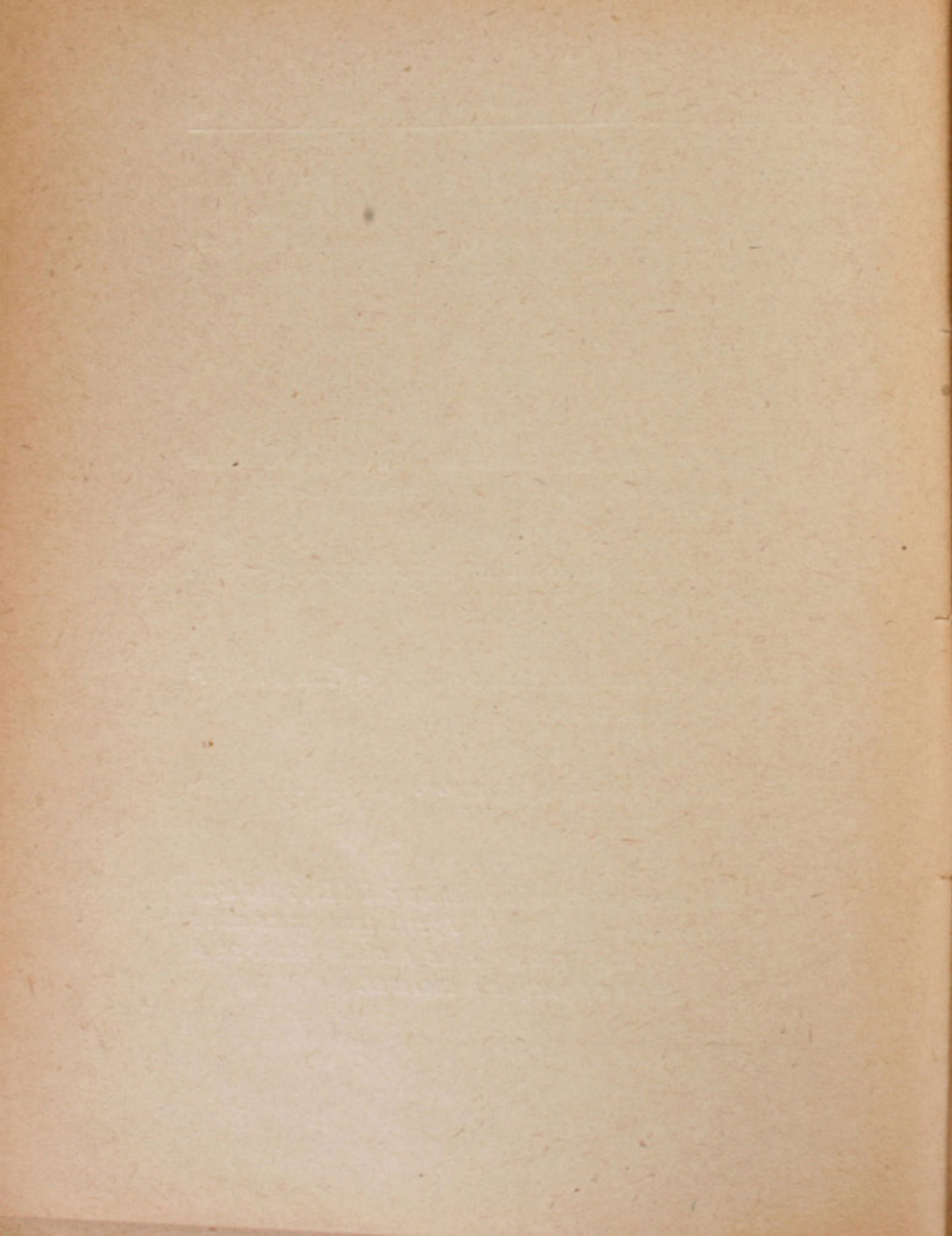
DOMINGAS

De dentro — Não vale a pena... pelo que hei de dormir...

LUZ

Cubra-se ao menos. — Vae dentro cobri-la, volta logo e a fechar a porta — Até logo. — Aperta tambem as mãos na cabeça, fatigada, enche-se de decisão, senta-se á meza, toma a pena e principia a escrever.

PANO



TERCEIRO ACTO



O LÔDO

ACTO III

O mesmo scenario. A mesma disposição em todas as coisas. Tudo como ficou ao concluir o segundo acto. Maria da Luz, sentada á meza do primeiro plano, relê as ultimas paginas d'uma longa carta. Conclue, subscripta, vae fecha-la, mas suspende ao ouvir rodar uma chave na porta na rua.

LUZ

Com sobresalto — Quem é?! . — Levanta-se. Dá uns passos para o fundo — Quem é?!... — Vendo Julia que surge no limiar da porta — Tu?! . . .

JULIA

Eu toda. — Tira o chale, fecha a porta e de novo para a irmã — 'Tás banzada, hein?! . . Não contavas com a visita?... — Escarninha — Han! han! han! Se precisasse de licença, não punha cá os butes, sei muito bem. — Avança, senta-se e noutro tom — Pois demorei-me porque tive de ir a casa — mostrando a chave — cá p'lo aparelho.

LUZ

E o que queres a esta hora?!

JULIA

Saber qu'estiveste a tramar p'r'aqui co'a mãe, que tanto se agoniaram ao cocar-me — indicando a janela — alem nos vidros. — Levantando-se e vindo até Luz — Sim, senhora! E não és para cerimoniais! Correste logo os taipais!

LUZ

E' então só para isso, Julia, que entras nesta casa ás seis horas da manhã, (*) depois do que se passou?!

JULIA

P'ra isso e p'r'ó mais que suceder.-

LUZ

Valha-te Deus!... — *Pausa. Noutro tom* — Tencionava mandar-te chamar á tarde.

JULIA

Ironica — Não que eu parece mesmo que adivinho! Futurou-se-me que havias de estar a arder por falar comigo, e não tive parança emquanto não voltei. Han! Que te parece? Fiz bem?

LUZ

Com naturalidade — Fizeste mal.

JULIA

Espertalhona — Ai! querias só á tarde?!

LUZ

Queria que não viesses com esses modos e a esta hora.

JULIA

Não t'arrepies. Aqui ninguem repara. Recebe-se a qualquer hora e... — *com intenção* — e os modos que cada um traz são os que tem, sem fingir outros. Isso de espremer etiquetas, não é cá p'r'á gente reles. O que ferve dentro de nós estampa-se logo nas trombas seja lá de quem fôr.

(*) No relógio de scena, colocado na parede do fundo, são trez horas ao iniciar-se o espectáculo, como a acção exige. Trabalhando esse relógio no decorrer de todos os actos e in ervalos, deve marcar n'este momento cinco e meia, seis horas. A artista dirá aproximadamente a hora que o relógio marcar.

Aproximando-se — Tu és d'outro sistema. Derretes as coisas p'la meluria . . .

LUZ

Ligeiramente agastada — Sim. Não estou no habito de estampar nada na cara de ninguém. — *Afasta-se.*

JULIA

Caminhando lentamente para ella e com manifesta ameaça — E' que nunca sentiste dois dêdos no gasganête que te fizessem vomitar tudo d'uma vez.

LUZ

Receosa sob o olhar da irmã — Julia ! . . .

JULIA

Imperativa — Vamos. Qu'estiveram p'r'aqui a tramar as duas ?

LUZ

Julia ! Cuidas a serio que pensassemos qualquer coisa contra ti ? !

JULIA

Não cuido nada. Sei que não estiveram a esmoêr Padre-Nossos, e o mais vou sabê-lo já. — *Forçando-a a sentar-se* — E. é já. — *Pausa.*

LUZ

Com resignação — Sim. Digo-te. — *Pequena pausa* — Nem é segredo, nem coisa difficil de compreender, se quizeses compreender. — *Pausa. Depois, pousando lhe a mão no hombro* — Julia ! Eu não creio que tu sejas uma creatura má, como te finges.

JULIA

Vá de prosa ! Que foi ?

LUZ

Erguendo-se enervada — Foi o que era natural, o que

era de esperar que tu sentisses como eu... A amargura de vêr a mãe tão consumida que me fez desejar hoje, mais do que nunca, leva-la para longe. Pedi-lh'o, supliquei-lh'o, e tanto fiz que ella acedeu em deixar esta casa para sempre. Aqui tens o que foi.

JULIA

Incredula — Tu 'stás a chuchar comigo!... — *Pausa.*
O sobrôlho enruga-se-lhe depois n'uma desconfiança e, como para descobrir a segunda intenção da irmã — Mas vaes leva-la p'ra onde?

LUZ

Para onde eu fôr.

JULIA

Impaciente — E a quê? P'ra quê?

LUZ

Estranhando as perguntas — Vae viver comigo...
Trabalharemos juntas...

JULIA

Juntas?!... Em quê?

LUZ

Em tudo. Procuraremos ganhar a vida honestamente.

JULIA

Com grande escarneo — Ai! Vae p'ra senhora seria!...
— *Ri* — Vae a tempo

LUZ

Magoada — Todo o tempo é tempo de se remediar um mal, Julia. Deixa-nos cá... Se lhe conseguir uma velhice bôa e socegada, alguma coisa fiz.

JULIA

Qual 'storia!... Uma velhice socegada?! Por esse caminho da virtude inda lhe arranjas mas é um bom casorio... um ganço com bago em barda... Oh! Oh!... — *Ri* — E eu lá engatarei nas bodas c'o Facão. — *Ri mais.*

LUZ

Não brinques. Deixa-nos cá, já que nada podemos esperar de ti.

JULIA

De mim?!

LUZ

Sacudida — De ti, sim, de ti.

JULIA

Querem lá vêr que tambem te passou p'la pinha... Ai! não, filha, não... Contenta-te com a mãe, que é quanto basta p'r'á gente se rir com gosto. Eu, até p'lo cheiro se coca que não dava nada p'r'ó serio. — *Ri.*

LUZ

Tenho pena.

JULIA

Suspendendo o riso bruscamente — Pena tem-se dos cães, e não é de todos, entendes?... Já m'ouviste chorar a minha sorte?... Quem te diz qu'estou mal?... .

LUZ

Oh!...

JULIA

Sim! Sim! Cuidas que te tenho inveja? De qué? Da songuice? Da meluria? D'esses modos delambidos de môsca morta?!... Arrecada lá a virtude para ti e p'r'ás outras

papa-açôrda como tu, que eu ando bem por onde ando. Nunca ninguem me ouviu carpir, e p'rá palhada ganho que chegue sem te pødir coisissima nenhuma, ouviste? Ah! . . .
 — *Passeio nervoso. Novo acesso* — Trabalhas, és sèria, ao passo que eu ando na má vida, não é? Sou uma galderia; tenho um gajo a quem sustento . . . Pois sim. Mas tenho-o como quero, e é assim mesmo que elle me quer, como eu presumo de o trazer madraço. E depois?! . . . Vivo como me dá na ramboia. Ninguem tem nada que vêr. — *Longa pausa. Transição lenta* — Espera. Espera. Mas . . . — *Fica-se a reflectir. Caminha até á irmã. Noutra attitude* — Mas indo vocês embora . . . a casa?

LUZ

Que casa?!

JULIA

Esta. Não fica para mim? Não fico eu a governa-la?

LUZ

N'um encolher d'hombros — Pøde ficar, se quizeres.

JULIA

Pøde ficar, ou fica?

LUZ

Sem paciencia — Para que a queremos nós?

JULIA

Então não te rales com a minha vida. Desandem as duas p'r'ó soceguinho e . . . — *Transição* — E quê? Ora adeus . . . Ella vae lá contigo . . .

LUZ

Não?

JULIA

E' o vaes. Disse que sim n'aquelle primeiro rompante,

apalermada com a tua gramatica... se é que não estava com algum bocado de grossura a mais.

LUZ

Oh! Julia!... A mãe?!...

JULIA

Camarada. E' de dia e de noite. Agua-raz e da rija. — *Ironica* — Quer dizer: agora, lá no fado liró, o que ha de querer éinhos finos. — *Ri* — Tu és trouxa ou fazes-te... ou cuidas qu'eu que o sou?

LUZ

Enganas-te, Julia. Vae. Sobre a mãe tenho eu algum dominio.

JULIA

Então não a deixes magicar muito. — *N'outro tom* — Ella onde está?

LUZ

Indicando a E. B. — Ali, a dormir.

JULIA

Ali?!... — *Reflete um instante. Depois caminha pé ante pé para a E. B.*

LUZ

Inquieta. Voz abafada — Que vaes fazer?!

JULIA

N'um gesto de silencio — Schiu!... *Continua em direção á porta, escuta, abre-a, mete a cabeça, torna a fechar com cuidado e voltando á irmã* — Cuidei que estava a escutar-nos... Qual quê?!... Ferrou o galho com alma e ronca como um cevado. Bem. Tenho o mordomo á espera ali no tasco. Quando volto?

LUZ

Depois d'uma hesitação — Queres que te diga sinceramente o que penso?

JULIA

Desconfiada — Quê?! . . .

LUZ

Não voltes mais.

JULIA

?! . . .

LUZ

Não devias voltar. Compreendes... A mãe ficou magoada contigo. E, como conheces já as nossas intenções... deixa-me governar o barco como entender. Depois de nós sairmos . . .

JULIA

Completando a ideia com o ar de quem concorda... — Tenho chave... tomava conta, sim. Mas... — *reflete e n'uma mudança brusca* — Que vale a chave? Uma fechadura de pressa se muda.

LUZ

Oh! Criatura!

JULIA

Oh! criatura, oh! criatura, lérias. — *Transição* — O que devia era ficar ja tudo a claro. — *Com bom modo astucioso* — Vae chama-la.

LUZ

Quem?! . . . Santo Deus! Como és desconfiada! Que antipatico! Pois ainda não te convenceste de que a casa, a nós, de nada nos serve, porque nem sequer poderíamos viver nella?... Que mais duvidas tens?! . . .

JULIA

Tenho-as todas. Hum! Hum! . . . Quando a esmola é

grande o pobre desconfia. Mas se tudo é assim facil como dizes . . . arruma-se já.

LUZ

Acordando a mãe?!

JULIA

Olha a desgraça! . . . Que tinha?

LUZ

Consumida — Não insistas, Julia, não, porque não a chamo.

JULIA

Pois chamo eu.

LUZ

Não consinto.

JULIA

Ai! não consentes?! . . . Pois agora é que tem de ser.
— *Chamando alto.* — Mãe!

LUZ

Antepondo-se-lhe — Julia!

JULIA

Afastando-a num encontrão — Eh! . . . — *Passa á frente, caminha até á porta E. B. e abrindo-a de par em par* — Mãe! O' mãe! . . . Faça favor, venha cá, que queremos falar comsigo.

LUZ

A si mesma — E' demais. — *Senta-se enervada ao pé da meza do primeiro plano. A mãe aparece á E. B., os olhos deshabituaados da luz, estranha, com todo o ar de quem acorda em sobresalto.*

JULIA

Rindo — Não se assuste, que não está o predio a arder.
— *Ri forçada. Transição* — Fui eu que me puz p'ra lá a

ruminar no que fiz... no que disse... e não fiz bem, não senhora.

DOMINGAS

Olha alternadamente as duas filhas, tomada de grande pasmo, e depois a Maria da Luz, com estranheza — Ella que diz?!...

JULIA

E' assim mesmo. Que diabo! Nem tudo são dias bons. A gente cá tem o seu genio... Vocemecê tambem é assim muito emproada .. Paleio, puxa paleio... — *Transição rápida. Com firmeza* — Mas tambem lhe juro que d'hoje em deante, diga vocemecê o que disser, ou faça o que fizer, eu seja negra como um tição se aqui tornar a haver qualquer restólho. — *Longa pausa. A mãe olha-a sempre desdenhosa e carregada* — Era isto o que me estava a estomagar e parece que não destorcia cá de dentro se não lh'o dissesse ainda hoje. Botei por ahi abaixo... A Luz não queria que eu a acordasse... Pr'aquí estivemos ao paleio e... e já sei que vae com ella.. Que vão viver as duas... — *Pequena pausa. N'outro tom.* — Que deixam esta casa.

DOMINGAS

Compreendendo tudo — Ah!... — Esfrega os olhos e a testa, enervada, e entra de nóvo no quarto da esquerda.

LUZ

Consumida — Vês?!...

JULIA

Com mau modo — Vejo quê?! — Domingas surge de nóvo na porta E. B., a pôr um chale pelos hombros, dirige-se ao vão da escada, acende uma vela e caminha para a E. A. Julia, á mãe — Vocemecê não diz nada?

DOMINGAS

Sem parar — E' melhor não.

JULIA

Que diabo ! Parece que ninguém a ofendeu . . .

DOMINGAS

Não tenho nada a dizer. A tua irmã, já que te abriu a porta, que se encarregue de te despachar. Eu não me ralo hoje mais. — *Vae desaparecer na porta que conduz para a cosinha, E. A., mas voltando-se de novo* — E d'ahi . . . para que não fiques a chocar ideias, como tu me disseste ha pouco, quero que saibas que vou realmente com a tua irmã, viver com ella, do trabalho d'ella. Sahiremos ainda hoje, e o mais depressa possivel. Mas a casa não é para ti, descança. Negoceio-a . . . Quero ter lá, ao canto da gaveta, dinheiro para lhe acudir, se a vir doente, ou sempre que precisar de mim, comprehendes ? Sim . . . Agora debes ter comprehendido que tens de desistir d'uma vez para sempre do que é meu.

JULIA

Que é tudo para ella ? ! . . .

DOMINGAS

Que é tudo meu, para eu gastar como quizer e com quem quizer . . . E então com ella, até ao ultimo real, se fôr preciso . . . Venderia a ultima camisa para a salvar da vergonha e da deshonra . . . Se algum perigo a espreita, como temo, quero morrer ao menos com a satisfação de salvar uma.

JULIA

Ah ! ah ! ah ! . . . De salvar uma ! . . . — *Ri com um sarcasmo feroz.*

LUZ

Que seguiu o dialogo consumidissima — Oh ! meu

Deus! meu Deus! . . . — *Debruça-se sobre a meza a soluçar.*

DOMINGAS

Hirta no limiár da porta e olhando Julia tambem com um sorriso odiento — Sim! — Desaparece, batendo-lhe a porta na cara.

JULIA

Entre dentes e a olhar a porta, por onde a mãe se sumiu — De salvar uma! . . . — Dobra-se até ficar voltada para a irmã, que continua a soluçar debruçada na meza — E esta! . . . — Caminha até ella e a falar-lhe nas costas — A sonsa! . . . Este mel e creme e marmelada que queria que eu a deixasse governar a traquitana sósinha, han! . . . Era uma barbaridade acordar a mãe! . . . E que duvidas poderia eu ter! . . . Como sou desconfiada! Que antipatico! . . . Ah! Ah! Ah! Ah! — Passa-lhe pela frente a rir-se e a esfregar as mãos. Depois, do outro lado, apoiando-se na meza e com ar mofento — Olha a casa! . . . Para que a queriam vocês? . . . Nem p'ra viver vos servia! . . .

LUZ

Consumidissima — Valha-me Deus, Julia! . . . Eu nem sei o que hei-de dizer-te. . . Mas não, descança. Isto não ficará assim.

JULIA

Que no decorrer da scena seguinte marca bem ser capaz de tudo — Ai! não fica. Descança tu, minha intruja. . . Estás com quem chegue p'ra ti. Não m'ingazupaste de chapa, emquanto te aparei o paleio, e cuidas que cahia agora que já te conheço a cartilha toda! Eu até sou capaz de a rezar por ti. Ah! Ah! Ah! . . . Viravas de escota. Punhas-te da minha banda contra a mãe, porque era revoltante ir tudo p'ra uma e um chavelho p'r'á outra. Haviam de se fazer as coisas p'lo direito. Eu que virasse o lombo socegada, que viesse mais

tarde p'la resposta, que havia de encontrar tudo fixe, porque sobre a mãe . . . — *com ar ironico* — ah! ah! ah! . . . sobre a mãe tens tu dominio, — não é como dizes?

LUZ

Sim, o que quizeres.

JULIA

Carregando o sobr'olho — Pois é isso que vaes deixar de ter . . . — *num laivo de ironia* — minha pomba . . . Agora quem mexe o tacho sou eu . . . e tu é que rodas forte.

LUZ

Como?!

JULIA

Desandas lá p'r'ó padrinho ou madrinha, ou p'ra donde quer que te tens gasto até hoje, que não te chamaram cá. Vae, trinca o grão que puderes, — ninguem t'o priva, — mas lá na tua mangedoura, sem focinhar na dos outros . . . que tu nem sabes a rez com que te metes . . . E á boa paz tudo se arranja.

LUZ

O que quizeres, já disse, mas acabemos hoje com isto.

JULIA

Ai! Acabamos hoje, acabamos, não tenhas duvidas. E, se tens pressa, é pegar na trouxa e vir comigo.

LUZ

O quê?! . . .

JULIA

Vens lá p'r'á minha gaiola e, quando forem horas, desandas p'r'ó teu destino.

LUZ

Tu estás a brincar, Julia! Divertes-te a consumir os .

outros sem te lembrares de que não ha paciencia que resista a semelhante prova!

JULIA

Eu, como vês, tenho demais.

LUZ

Oh! Santo Deus! Mas queres negar-me o direito de estar em casa de minha mãe?! Pretendo leva-la, ella quer ir comigo, é livre, resolve acompanhar-me, e lembraste de o impedir!... Não ha, bem sei, maneira de te fazer comprehender que tudo o mais é o menos. Que não sou pessoa para me preocupar com o que ella tem, nem para lh'o aceitar. O meu fim é outro. São muito diversas as razões que nos movem... Mas, Julia!... Não comprehendes, não comprehendas... Aguarda os acontecimentos, dá tempo ao tempo, e, se me vires tocar em cinco réis da mãe, se não se provar que tudo o que faço o faço por mero desejo de a vêr tranquila, pensa depois o que quizeres e faz o que quizeres. Agora deixa-me que já tenho direito a descansar um pouco.

JULIA

E' o deixas... — *Senta-se comoda.*

LUZ

Num desespero — Ui!... E's enervante!... Pegas-te como uma lapa! Não, ha maneira...

JULIA

Sou um pouco sarna, sou, louvado Deus.

LUZ

Tudo o que se te méte na cabeça tem de sêr!

JULIA

Hum!... Faz-se o que se póde.

LUZ

Pois pudesse eu, é verias se não te fazia a vontade, Julia... — *Aproximando-se e com as melhores maneiras* — Mas deixar aqui a mãe, não, não me peças... Hei de dispô-la o melhor que puder contigo, tirar-lhe da cabeça esta ideia ultima, que eu ignorava, juro-te, e em que ha de facto má vontade... Conseguir que nos trate igualmente, como irmãs que somos, e...

JULIA

Cá temos a cartilha toda.

LUZ

Oh! Julia! Julia! Não é isso... Atende... — *Consumidíssima* — Mas tu não vês que, depois de conhecer tão detalhadamente a vossa intimidade, não poderia ter lá longe um momento de socêgo?! Como queres que eu leve nos olhos o pavôr d'estes espectaculos e vá dormir tranquila uma noite, uma que seja?!... Deixar a mãe aqui! Essa desgraçada mãe, que é a nossa mãe, Julia! Deixa-la aqui, n'uma fornalha de consumições, n'um flagelo de cada hora, que não é vida, que não é tortura, porque é peor que todas as torturas!... Oh! Não, Julia, não!... Eu não sei até que ponto hei de dizer-te tudo o que penso, mas a verdade é que não tens o direito de impedir que eu lhe proporcione nos ultimos dias da sua vida, os seus primeiros dias de socêgo. E' isto que tu não, tens feito, ao contrario, nem pretendes fazer agora. Queres que eu parta e a deixe por motivos de interesse a que não posso atender, com que não me importo, que não são razões para alterar as minhas razões de a levar, de a subtrahir o mais depressa possível á tua influencia desapiedada e má. E é o que quero dizer-te, porque tudo o mais que lhe tens feito são coisas de que nem devo falar.

JULIA

Que a ouviu de boca aberta, manifesta o seu pasmo n'um prolongado—Ah!... Nem o pregador de S. Domingos!...

LUZ

Apertando as fontes e indo sentar-se á meza do primeiro plano—Ui!...

JULIA

Levantando-se—Pois o meu sermão rosna-se mais depressa. Estorvas-me e por isso pões-te a cavar.—Vindo ate ella—Ouviste?—Luz não responde. Julia falando-lhe nas costas—Ou pegas na trouxa e vens comigo, ou ficas...—Tirando um lenço que traz ao pescoço e dobrando-o em tira—sem causar nenhum transtorno, nem a mim, nem a ninguém.—Pausa—Que dizes?—Pausa. Depois mais forte—Que dizes?

LUZ

Com energia—Que fico.

JULIA

E' a tua sentença?...—Pequena pausa—Pois seja.—Passa-lhe o lenço pela boca, cruzando-lh'o na nuca. Luz instinctivamente levanta-se, leva as mãos á boca para tirar o lenço, formando com os braços um arco por onde a irmã mete o braço d'ella, indo buscar ao outro lado a ponta mais comprida do lenço e passando-lh'a pelo pescoço. Continua a luta caindo Luz de bruços atraz da meza e a irmã sobre ella. Julia põe-lhe um joelho na nuca, puxa o lenço. Mata-a. Domingas atraída pelo barulho e por um murmúrio aflitivo que Luz conseguiu fazer atravez o lenço, surge á porta E. A. Olha em volta, assustada, não a vendo porque o vulto de Julia, já de pé, lh'a encobre.

JULIA

Vendo a mãe, cinicamente — 'Tá alli. Salve-a agora. — Desce á bôca de scena a desencorrihar o lenço, que torna a pôr ao pescoço.

DOMINGAS

N'um grito — Luz!... Corre para ella, levanta lhe meio côrpo — Minha filha!... Luz!... Luz!... — Deixa cair o corpo aterrada. Depois caminhando sobre Julia, n'uma exaltação subita — Miseravel!... Assassina!... — Tenta deitar-lhe as mãos.

JULIA

Afastando-a n'um repellão — Eh!...

DOMINGAS

Cambaleante, apoia-se na meza do primeiro plano. Leva a mão ao coração, respira a custo, mas logo caminhando para Julia, que fleugmaticamente foi buscar o chale, que pousára n'uma cadeira da esquerda. — Não! Não saes. Não tentes sair. Has-de paga-las todas. . . Julia de chale na mão, olha-a e cacareja um risinho — Vou entregar-te á policia. . . — Gritando — Assassina! . . . Assassina! . . .

JULIA

Atirando o chale fora, num rompante, caminha sobre a mãe, deita-lhe as mãos e, dobrando-a — 'Tá bem! Sim! Grite! Chame gente, mexa-se como lhe der na tóla que p'ra mim é tudo igual. — Dobrando-a mais e falando-lhe cara a cara, de cima para baixo — Mas primeiro ha de ouvir-me. . . Hei de cantar-lh'as todas. . . Arregale bem esses olhos. . . Arregale-os bem aqui p'r'ós meus. Sou uma galderia, uma ladra e uma assassina! . . . Sim! Uma assassina! . . . Sou o que vocemecê fez de mim. Não 'stá contente?! . . . Não aprendi bem! . . . A espreitar pelas portas e a vê-la re-

ceber homens... a gostar dos que vocemecê gostava, como vocemecê gostava, pondo toda a canceira do meu corpo em manter um que me gosa, que me vende, que me bate, não sou bem a sua filha toda, a que não tem padrinhos, a que se relaxou nestas taboas, coçando a mesma sarna que vocemecê coçava... e que lhe foi pegada por si?!... .

DOMINGAS

Mata-me! Mata-me!

JULIA

Não! Ha-de viver... Acabar o trabalhinho, pois então?! — *Rindo-lhe na cara* — Quero ser filada á sua ordem, acusada por si, condenada... e quando lá ficar no chelindró *numa grande gargalhada* — ah! ah! ah! ah! quero vê-la voltar contente como um rato!... De grande!... Aquela morreu, acabou... De mim também está livre p'ra toda a vida... Fica vocemecê e o Facão, hein! E ninguém que os empate, hein!... — *Ri. Depois atirando-a para o chão. erguendo-se e noutra tom* — Sempre se salvou uma, embora não fosse esta... nem eu... que também cá a mim, louvado Deus, nunca ninguém me quiz salvar. — *Pega no chale, embrulha-se e senta-se á meza de queixo ferrado no punho.*

DOMINGAS

No chão, meio corpo erguido — A ti?!... — *Olha em volta aturdida, com a expressão de pensamentos confusos. Ergue-se, sempre com a mão no coração, vae dentro á E. B., surge depois com uma corda, atira-a a Julia, indicando-lhe em gestos rapidos que dependure a irmã ao fundo, no vão da escada. Julia, cuja atitude, d'ora em diante, muda completamente, olha a mãe e a corda, sem se resolver. Um tempo. Domingas, imperativa* — Depressa... Vamos... — *Julia vae maquinalmente a pegar na*

corda. Batem á porta da rua. Ficam ambas aterradas. Um tempo. Batem segunda vez. Julia diminue a luz do candieiro, ficando a scena numa grande obscuridade. Caminha depois pé ante pé para o fundo.

FACÃO

Da rua — Julia!... Julia! Abre.

JULIA

Em voz abafada — E' o Facão.

DOMINGAS

Mesmo jogo — Sim... Abre...

JULIA

Executa e, fazendo logo um gesto de silencio a Manuel Facão, que entra — Schiu!... Fecha outra vez a porta cautelosamente. Facão caminha até ao corpo de Maria da Luz. Olha depois com grande pasmo para Domingas e para Julia. Torna a olhar a morta. Julia, entretanto, veiu á frente, pegou na corda, leva-lh'a, indica-lhe o que deve fazer e apontando o tecto do vão da escada — Ali.

FACÃO

A meia voz — Mas que foi?

JULIA

Impaciente — Ali!... Depressa!...

FACÃO

Indicando Domingas — E a velha vae no embrulho?! — Gesto afirmativo de Julia, que vem encostar-se á meza do primeiro plano a observar a attitude de Domingas. Esta caiu numa cadeira e conserva-se imovel, d'olhos fixos, olhando muito longe, de face para a plateia. Facão em movimentos rapidos faz um laço com a corda, vae ao vão

da escada, sobe a uma meza, ata a corda no tecto e corre rapido a transportar o corpo de Maria da Luz, que pendura occultamente por traz d'uma cortina meia corrida. Domingas, ao senti-lo pegar na filha morta, acorda da sua immobildade, num sobresalto, sem olhar, e cae por fim numa grande crise de choro. Julia, sempre a espreita-la, dá uns passos para ella, e continua a observar-lhe de perto os movimentos.

FACÃO

Concluiu a tarefa. O corpo ficou encoberto sempre pela cortina. Vem até Julia, toca-lhe com o cotovelo e, n'um gesto de se safarem — Ala...

DOMINGAS

Aterrada — Não! Não!... — Suplicante — Não me deixem sosinha!... — Agarra-se a Julia.

FACÃO

Ai! Não!... Vamos ficar talvez aqui a olhar!...

DOMINGAS

Segurando-a sempre — Não quero... — Manuel Facão puxa pelo braço de Julia. Domingas, n'um grito afflictivo — Tenho medo!...

FACÃO

Mau... — Senta-se aborrecido na esquina da meza.

DOMINGAS

Levantando-se sempre agarrada a Julia — A minha filha!... A minha querida Luz!...

FACÃO

Mau, mau, mau...

DOMINGAS

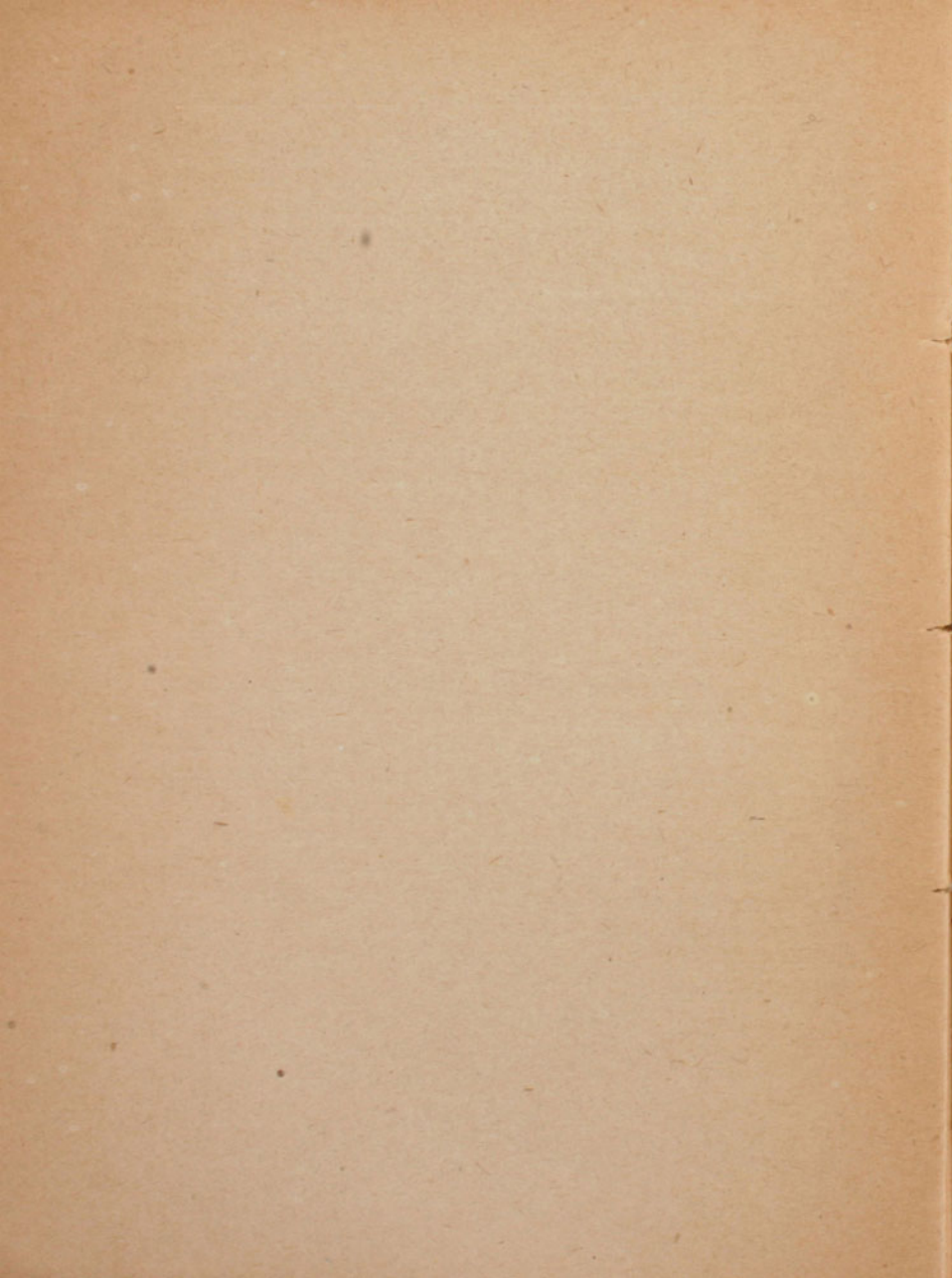
Caminhando de mãos erguidas para o fundo — Morta!...

A minha rica filha!... — *Aproxima-se timorata do cortinado. Vae levanta-lo. Vacila. Ergue por fim a cortina e recua n'um grito. Depois caminhando novamente de mãos postas — Perdão!... Perdão!... — Mais alto — Perdão!... — Leva as mãos ao peito, cae de costas, contorce-se uns segundos e queda logo inerte. Julia corre a acudir-lhe.*

FACÃO

Intervindo — Eh!... Não mexas. — Aproxima-se, curva-se a examina-la, põe-lhe o ouvido no peito e com um gesto expressivo — Estoirou. — Julia vae novamente a debruçar-se sobre a mãe. Facão segurando-a — E's bronca. Não lhe mexas. Não vês como está tudo mesmo a correr bem?... Isto foi de manhã. Ella veio... abriu a janela... — N'outro tom — Abre a janela. — Julia vae executar — Não, não. Enquanto estiver luz, não. Podem toscar. — Continuando a narrativa — Abriu a janela... deparou com esta desgraça... Coitada... Arrebentou. — Vem á frente, passa a vista pela scena n'um exame rápido, vê a carta que Luz tinha escripto, pega lhe, lê o envelope, mete no bôlso, nôvo exame pela sala e por fim a Julia — Leva a luz. — Julia, numa obediencia passiva, pega no candieiro e desaparece pela E. A., ficando a scena e a sala completamente ás escuras. Facão abre a janela, acende cautelosamente um fosforo, alumia a Julia, que regressa logo depois, encaminha-a até á porta da rua, abre e dando-lhe passagem. — Põe-te a mexer. — Apaga o fosforo Ouve-se no escuro o bater da porta e só se faz luz na sala depois de descer completamente o

PANO



ACABOU DE SE IMPRI-
MIR AOS 25 DE MAIO
DE 1923, NA IMP. LIBANIO
DA SILVA, TRAVESSA DO
FÁLA-SÓ, 24 — LISBOA

